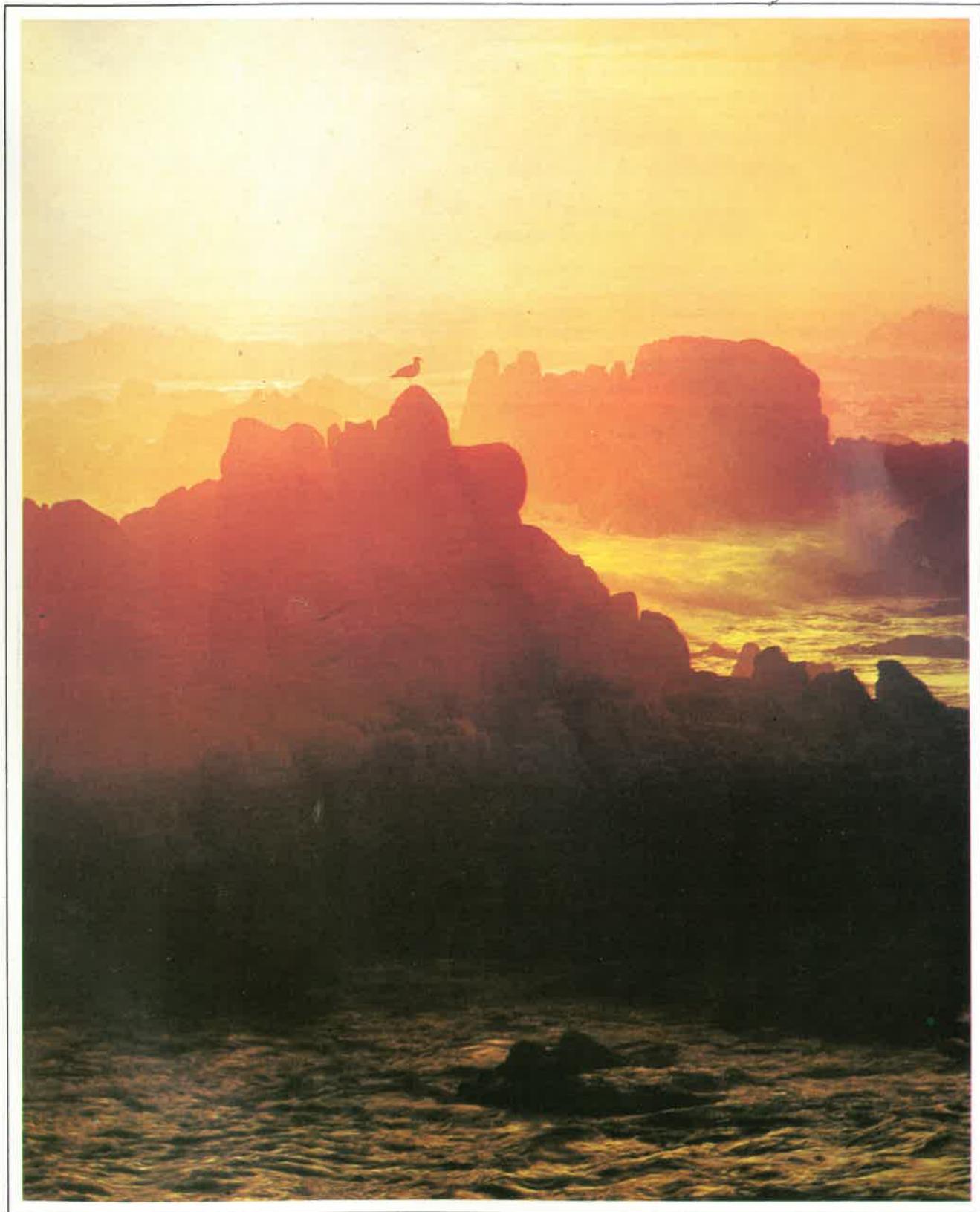


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril/1987



A Teus Pés Como Maria!

A Cidade despertara serena, tranquilamente.
A Rainha da Noite se escondera já, discretamente.
O Rei Astro surge e no seu corcel de ouro passeando
P'lo azul do Céu, majestoso vai a Terra iluminando.

Acordada está a mui formosa Sião.
A caminho do templo os crentes lá vão.
É hora solene para Jeová louvar.
É hora propícia para Deus adorar.

Descendo o Monte, o Mestre, no Templo entrava.
E, num lugar à parte, o povo ensinava.
E ali permanecia horas esquecidas,
Alimentando as almas, transformando vidas.

Manhã diferente! Escribas e fariseus, vociferando,
Lhe trazem, aos empurrões, uma frágil mulher chorando.
E, querendo o Mestre tentar, Lhe apontam o vitupério
Daquela pecadora, ali encontrada em adultério.

— Mestre, aqui a trouxemos. Que mandas Tu fazer?
Perdoar ou à Lei de Moisés obedecer?!
— Aquele que dentre vós pecado não tiver
Seja o primeiro a apedrejar essa mulher,

Jesus responde. E na areia escreve, então,
A vileza, os pecados dos homens que ali estão.
E um após outro, de cabeça inclinada,
Ali deixam a adúltera sem ser apedrejada.

Aos pés do Mestre, prostrada e arrependida,
Maria relembra, com horror, sua passada vida.
A morte ela merece. Pecoço. Perdão não pode implorar.
Seu futuro está pendente da sentença que escutar.

— Mulher, onde estão os teus acusadores?
Nenhum te condenou? Nenhum daqueles senhores!?
— Nenhum me condenou. E mais não sei dizer.
— Também Eu te perdoo. Não peques mais, mulher!

Mal pode acreditar. Trémula escuta o Senhor.
Ergue os seus olhos e O contempla com amor.
Força que a transforma. Divino raio de luz!
Esperança redentora na face de Jesus!

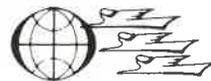
Madalena a pecadora! Madalena arrependida
No perdão de Cristo achou sua alma redimida.
E numa entrega total, sua vida Lhe entregou,
E a partir daquela hora, seu Senhor jamais deixou.

Mestre, como foi que o coração daqueles maus homens leste
E seus ocultos pecados ali na areia escreveste?
Como viste a pecadora e a remiste em Teu poder
Transformando a sua vida p'ra nova vida viver?

A Teus pés, como Maria, Tua voz quero escutar
E numa entrega total, agora, a Ti me entregar.
E em Teu perdão redimida, salva e justa para sempre,
Quero, junto com Maria, pertencer-Te eternamente!

Maria Augusta Pires

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril 1987

Ano XLVI • N.º 486

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 600\$00
Número Avulso 60\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Trabalho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 A Teus Pés como Maria!**
Por Maria Augusta Pires
- 3 Assembleias I**
Por J. Morgado
- 4 A Ressurreição de Cristo**
— Quatro Maneiras de Lhe Responder
Por Glenn H. Asquith
- 6 A Igreja Adventista nas Pegadas da Profecia**
Por Joaquim Dias
- 10 A Noção da Palavra**
Por Ilídio Carvalho
- 11 Apenas Calebe e Josué entraram em Canaã?**
Por Aristacho de Matos
- 13 1 — A Repressão do Cristianismo: Génese e Desenvolvimento Histórico**
Por Daniel Simões da Silva
- 15 Abertura na U.R.S.S.**
- 16 Porta Aberta em S. Tomé: Momento Histórico**
Por Georges Stéveny
- 18 Notícias do Campo**
- 19 O Campo é o Mundo — Notícias**

Assembleias — I

O ano de 1987 é marcado por um acontecimento importante na Igreja Adventista em Portugal — as suas Assembleias.

*Creio que uma Assembleia tem várias funções e aquela que desejo sublinhar hoje é a da **edificação espiritual**.*

Das Sagradas Escrituras retiramos a mensagem de que tudo deve ser feito «decentemente e com ordem» (I Coríntios 14:40).

Para isso, é necessário uma predisposição espiritual, de que devem ser possuídos todos os delegados à Assembleia.

E. G. White dizia acerca do espírito que alguns desejariam implantar nas Assembleias: «Se estas coisas fossem introduzidas em nossas Assembleias, eu recusar-me-ia a assistir a uma delas; eu sei, porque recebi muita luz a este respeito, que corações não consagrados e não santificados amariam esse género de exercício. O dia vai demasiado avançado, meus irmãos, o dia vai demasiado avançado. Chegámos ao grande dia da expiação, uma época em que o homem deve infligir a sua alma, confessar os seus pecados, humilhar seus corações, perante Deus e preparar-se para o grande conflito. Quando estas disputas são apresentadas diante

do povo, pensarão que um tem o argumento decisivo e em seguida que o outro, directamente apostado, tem igualmente esse argumento. O pobre povo chega a estar confuso e a Assembleia será uma perda seca, pior do que se não tivesse sido realizada.

*«Quando actualmente tudo é dissensão e luta, devem fazer-se ali esforços resolutos para não tratar, e não publicar, por escrito e oralmente, senão o que mostre harmonia.»
E. G. White, Carta 37, 1887.*

É necessário, pois, que nos deixemos penetrar pelo Espírito de Deus para falarmos «tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama» (Filipenses 4:8).

Quantas vitórias o Senhor nos tem dado, quantos milagres realizados, quantas experiências vividas em cada uma das nossas igrejas. Quantas palavras de louvor não se poderão trocar se pensarmos de acordo com o conselho do apóstolo Paulo.

É necessário que as reuniões de carácter espiritual nas Assembleias sejam tão bem ou melhor frequentadas que todas as outras. «Reunimo-nos para edificar-nos mutuamente mediante uma permuta de ideias e sentimentos, para adquirir forças, luz e ânimo, através

do mútuo conhecimento de esperanças e aspirações; e por nossas orações fervorosas sinceras, feitas com fé, somos refrigerados e fortalecidos na Fonte de nossas forças».

— Testimonies, vol. 2, pág. 578.

Devemos passar algum tempo orando juntos, lendo a Bíblia juntos, cantando juntos. É necessário que façamos viver uma atmosfera espiritual em todas as reuniões e em toda a Assembleia.

Somos um espectáculo ao mundo, esse mundo que queremos evangelizar e não o poderemos alcançar sem estar unidos uns aos outros e a Cristo.

Procuremos não nos deixar influenciar por aqueles que talvez não queiram partilhar dessa atmosfera espiritual.

«Deus confiou a nossas mãos uma obra por demais sagrada, e necessitamos de nos juntar em reuniões para receber instruções, a fim de nos habilitarmos a realizar essa obra. Precisamos de compreender que parte seremos individualmente chamados a desempenhar na edificação da obra de Deus na Terra, em vindicar Sua Santa Lei, e em exaltar o Salvador como o ‘Cordeiro de Deus’ que tira o pecado do mundo» — Testimonies, vol. 6, p. 32.

Pensemos na alegria do povo de Deus quando se reunia em Jerusalém, vindo de todas as partes do território. Pensemos nos salmos que entoavam durante a viagem. Pensemos como queriam sentir a presença de Deus no seu meio e procuremos a mesma experiência nas nossas próximas Assembleias.

Pensemos, sobretudo, nessa grande reunião que o Senhor Jesus está preparando para nos oferecer. Um povo formado de todas as raças e de todas as cores. Um povo com experiências vividas ao partilhar a sua fé. Um povo que, ansioso, espera o momento do encontro final.

Esperamos de todos a melhor colaboração neste aspecto. Façamos das Assembleias um ponto alto na nossa experiência espiritual e isso será uma bênção para nós e para as igrejas a que pertencemos.

J. Morgado

CONVOCATÓRIA

De acordo com o parágrafo 1.º do Artigo 6.º dos Estatutos desta União é convocada a Assembleia-geral ordinária para os dias 1 a 5 de Julho de 1987, na sua Sede em Lisboa, Rua Joaquim Bonifácio, n.º 17, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Apreciação dos Estatutos.
2. Eleição do conselho Director para o próximo período
3. Tratar de todos os assuntos propostos pelas Igrejas. .

O Presidente

Joaquim Alegria Morgado

A Ressurreição de CRISTO

— Quatro Maneiras de Lhe Responder



Quatro Evangelhos e quatro respostas ao Salvador ressuscitado

O nosso mundo nunca mais foi o mesmo desde que a bomba atômica caiu em Hiroxima. Tivemos de nos adaptar à era nuclear.

Muitas gerações testemunharam acontecimentos que alteraram de modo definitivo a velha maneira de viver. Pensemos, por exemplo, na invenção da imprensa, na revolução industrial, na Reforma e nas guerras mundiais.

Mas só um poderoso acontecimento afectou toda a humanidade e todas as gerações: a ressurreição de Jesus. Desde então, nada mais foi o mesmo, nem o pode ser. A vida, os seus objectivos e o

seu futuro tornaram-se completamente diferentes do que tinham sido até ao dia da descoberta do túmulo vazio.

Qual é a minha resposta à Ressurreição?

A reacção de alguns contemporâneos do Senhor ressurrecto pode ajudar-nos na nossa reflexão. Cada um dos quatro Evangelhos descreve uma maneira de dar resposta à manhã da Ressurreição.

A Resposta da Dúvida

Lemos em Mateus que depois de Jesus aparecer aos onze discí-

pulos, «alguns duvidaram» (Mat. 28:17). Duvidaram de que o seu Senhor, que tinha sido morto, estivesse agora vivo. Esta mesma espécie de dúvida aflorava ainda há alguns anos, num livro que declarava que «Deus está morto».

Felizmente, a dúvida não é negação completa, mas uma ansiosa incerteza, que diz: «Talvez Jesus viva, mas eu duvido.» Notamos este mesmo cepticismo em matérias de avanço científico. Hoje mesmo, há ainda alguns que duvidam de que o homem tivesse estado alguma vez na Lua!

Esta mesma espécie de hesitação parece ter afligido a igreja de Laodiceia, da qual o Senhor disse: «Nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente!» (Apoc. 3:15).

Contudo, a dúvida pode tornar-se proveitosa, se se lidar honestamente com ela. À medida que Galileu estudava o firmamento, começou a duvidar do que sempre lhe fora ensinado. Quando viu que as suas observações se provavam correctas, concluiu: «A dúvida é o pai da descoberta.»

A dúvida de que os mortos pudessem ressuscitar parecia natural em face da prova suprema de Jesus. O mesmo acontecia com o discípulo muitas vezes designado como «incrédulo Tomé», e cuja dúvida o levou à descoberta de uma verdade capaz de transformar toda a sua vida, quando, ao ver Jesus ressuscitado, exclamou: «Senhor meu, e Deus meu» (João 20:28).

A dúvida pode hoje atormentar alguns de nós. Se assim for, que a presença reconfortante do Salvador ressurrecto faça desvanecer todas as dúvidas!

A Resposta do Medo

Houve alguns que não duvidaram, mas recearam as consequências de crer. Marcos diz-nos que «nada diziam a ninguém, porque temiam» (Marc. 16:8). Não ousavam sair à rua e proclamar ao povo que Jesus, crucificado e sepultado, estava agora de novo vivo.

Os discípulos só viam diante de si escárnio, rejeição e, possivelmente, a morte. Por isso, estes temerosos seguidores de Cristo esconderam-se, e quando tinham mesmo de sair, nada diziam sobre aquilo que de extraordinário se estava a passar.

Um escritor fez uma lista dos pensamentos que atravessam a mente de uma pessoa medrosa: «Medos, receios, inquietações, ansiedades, terrores, pessimismos, morbidades e todo um comboio-fantasma de formas medonhas e aterradoras.» Imagine-se o que é ser vítima de tudo isto!

Talvez os discípulos se devessem ter lembrado de algo acerca do medo: é que ele age como espelho de aumentar e amplia a proporções extraordinárias perigos e dificuldades comuns. Estranhamente, ele serve também de microscópio quando se procuram soluções. As hipóteses parecem insignificantes, porque dá forma a perigos não-existentes.

Já me aconteceu passar por esta experiência. Foi há alguns anos, quando tentava adormecer num quarto de hotel. Em frente havia uma janela que dava para uma saída de emergência. Ao olhar para a janela, vi um homem alto, de sobretudo e chapéu pretos, mesmo à entrada do quarto. Aterrado, procurei alcançar silenciosamente a lâmpada da mesa de cabeceira. Quando consegui acender a luz, vi o homem — o meu próprio chapéu e sobretudo pendurados no cabide!

Uma coisa que poderia ter trazido coragem a estes temerosos discípulos era a lembrança de que Jesus tantas vezes lhes dissera para não estarem temerosos ou ansiosos. João, em Apocalipse 21:8, aponta para o medo como o primeiro dos terríveis pecados que merecem castigo: «Quanto aos tímidos...»

Alguns de nós podem reear as consequências de um testemunho aberto. Mas não prometeu o Senhor ressurrecto estar connosco até ao fim?

A Resposta do Culto Formal

A resposta à Ressurreição que

Lucas nos relata parece mais apropriada do que os caminhos da dúvida e do medo: «Estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus» (Luc. 24:53). Tendo experimentado um incrível alto momento na vida, pareciam relutantes em deixá-lo passar, tal como Pedro no Monte da Transfiguração, que queria fazer três tendas e ficar ali por mais tempo. O culto no templo parecia-lhes um adequado fim em si mesmo, tal como nós hoje podemos desejar ir constantemente à igreja, como se mais nada interessasse.

Lembro-me de uma experiência de uma reunião do meio da semana, quando eu era rapaz. Um recém-convertido à nossa Igreja levantou-se para falar: «Agora que eu encontrei o meu Senhor», disse ele, «já não leio mais nada a não ser a Bíblia. Não leio jornais, nem revistas, nem livros. Só a Bíblia.» Anos mais tarde, lembrei-me disso e perguntei a mim mesmo como pôde aquele homem pensar que Deus fala apenas através da Bíblia e não através dos outros. Era um homem que tinha «localizado» Deus.

Uma vez, os Sírios tentaram «localizar» Deus. Derrotados por Israel nas colinas, decidiram que o Deus de Israel devia de ser um deus das colinas e decidiram que na próxima vez só travariam luta nas campinas.

Podemos ser tentados a sentir que só podemos encontrar a Deus na Sua casa, a igreja, ou no Seu livro, a Bíblia. Salomão sabia a verdade sobre o assunto: admitiu que o templo que construía não era suficientemente grande para conter a Deus.

Certamente que o culto formal no Templo constituía uma expressão de devoção. Mas quanto mais esperava Jesus dos Seus seguidores! E quão poucos ouviram as notícias da Sua ressurreição!

Algumas vezes podemos ir tão longe em «localizar» Deus que cheguemos a colocar uma linha divisória entre os objectivos piedosos e os objectivos seculares. O escritor francês Anatole France, que em rapaz não era muito robusto, decidiu reflectir sobre a sua ocupação futura. Como não tinha

compleição física para a carreira das armas, decidiu ser um «santo», isto é um clérigo.

Quantas vezes nos sentimos tão exaltados às alturas durante um culto na igreja! Mas não será essa, precisamente, uma maneira de Deus nos preparar para sairmos ao mundo fortalecidos pela fé e adoração?

A Resposta «Tudo na mesma»

Finalmente, chegamos à quarta resposta à Ressurreição: a maneira de «Tudo na mesma». Lemos em João: «Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar» (João 21:3).

Simão e os seus amigos decidiram enfrentar os factos. Tinha sido maravilhoso enquanto Jesus trilhara os caminhos com eles, mas isso acabara. Então, porque não voltar à ocupação que conheciam e da qual Jesus os chamara?

Hoje, diríamos que esses discípulos escolheram enfrentar a realidade. Pescar era algo a que se podiam agarrar. Era a sua realidade.

A parte mais triste desta resposta à Ressurreição é que Pedro e os outros permitiram que a sua visão de um mundo sobre o qual Cristo haveria de ser Rei se extinguisse. Acharam que as suas esperanças não mais tinham razão de ser e que mais valia a dura realidade da vida do que a esperança que um dia embalara os seus corações.

Mas estes discípulos encontravam-se apenas a algumas horas de outra grande aparição de Jesus, que lhes haveria de dizer que, dali para o futuro, eles seriam pescadores de homens.

Se nos examinarmos com sinceridade, haveremos de sentir dentro de nós alguns traços destas quatro respostas à Ressurreição: dúvida, medo, culto formal e «tudo na mesma». Lembremo-nos de que os primeiros discípulos saíram destes caminhos para a luz maravilhosa de uma fé triunfante. Nós podemos e devemos seguir as suas pisadas.

Glenn H. Asquith é pastor aposentado, vive em Nova Jersey e é autor de 14 livros e muitos artigos para publicações cristãs.

A Igreja Adventista nas Pegadas da Profecia

Texto de uma conferência apresentada no Instituto Ecuménico de Montevideo, Uruguai, durante o curso de Formação e Integração Ecuménica, gentilmente cedido pelo pastor Joaquim Dias. Julgamos de grande interesse para os nossos irmãos que porventura sejam chamados a dar semelhante testemunho.

As minhas primeiras palavras são de felicitações para os promotores destas jornadas de «Formação e Integração Ecuménica» porque, como igrejas, como movimentos religiosos e, o que é mais triste, como cristãos, mesmo vivendo e lutando pela mesma causa, e muitas vezes na mesma cidade, temos chegado ao ponto da solidão, do isolamento e, em certos casos, de mútua e vergonhosa ignorância. Como exemplo desta crua realidade recorde um diálogo anedótico a que assisti há algum tempo. Eram protagonistas um médico amigo e um fervoroso evangélico (visitador médico). Ao ser habilmente instado pelo facultativo a testemunhar sobre a sua experiência cristã e a pronunciar-se sobre outras denominações, o nosso dedicado irmão, quando se referiu aos adventistas, pôs em evidência o conceito de incoerência e ridículo que tinha sobre a Igreja Adventista, afirmando textualmente: «Veja doutor, os adventistas são tão ignorantes e tão ridículos que esperam a vinda do Messias, tal como os judeus!...»

Embora reconhecendo ser esta uma posição extremista, temos de admitir que na maioria dos casos, quando a Igreja Adventista é tema de conversação, se suscitam comentários desta índole: «Ah! sim, é uma das igrejas aparecidas durante o século XIX nos Estados Unidos»; «É uma igreja que veio com mil e novecentos anos de atraso...» Como veremos mais adiante, nada poderia estar mais longe da verdade. Bem ao contrário, este movimento religioso, que poderíamos chamar «a história moderna da Igreja», é simplesmente o último capítulo da co-

movedora história que remonta da grande movimento da Reforma do século XVI e que, na realidade, é o renascimento dos tempos apostólicos e está baseado na firme esperança dos patriarcas e profetas do Antigo Testamento.

Esta perspectiva é intencionalmente esclarecedora sobre a metodologia adoptada. Não nos deteremos nos pormenores, porque, apesar da sua importância, por vezes nos limitam, nos cegam e nos tornam «mesquinhos». Preferimos optar por uma busca da compreensão abarcante do TODO, isto é, do grandioso e irreversível Plano da Redenção, no qual, apesar das suas implicações cósmicas, cada um de nós conta e exerce uma influência determinante. Ao seguir esta metodologia não nos referiremos tanto à «Igreja Adventista», mas, mais especificamente, ao ADVENTISMO, que encerra a solução real e definitiva do pecado: A vinda de Cristo com poder e glória.

A Resposta de Deus ao Pecado

Ao surgir no céu o pecado, este constituiu um problema cósmico (Isa. 14:12-14; Ezeq. 28:12-15) que passou ao homem por causa do indevido uso do livre arbítrio (Gen. 2:16, 17; 3:1-7). O mecanismo da lei «causa efeito» sem tardar entrou em funcionamento, produzindo as inevitáveis consequências da desobediência: inimizades, dor, separação de Deus e morte (Gen. 3:14-24).

Esta tragédia, com as suas implicações futuras, é magistralmente sintetizada por Julius Gilbert White, da seguinte maneira: «A história da experiência

humana apresenta-se como verdadeira tragédia aparentemente interminável entre duas grandes forças opostas. Desde os tempos mais remotos da história humana, quando o Arquingenador frustrou pela primeira vez a glória da criação de Deus, foi declarada a guerra num grande e místico campo de batalha, tão extenso como este condenado mundo de pecado e tão diversificado como os seus inumeráveis milhões de habitantes. 'E porei inimizade entre ti e a mulher...' (Gén. 3:15). Esta sentença, declarada no momento da tragédia do Éden, marcou o começo desta guerra cruel, que só terminará com a segunda vinda de Cristo, já na aurora da eternidade. O tema em questão é o pecado; o campo de batalha é o coração humano; os dois grandes pleiteadores pela supremacia são Cristo e Satanás»¹.

Ao longo de toda a Bíblia encontramos registada esta esperança, que pela fé se apresenta já como uma certeza, uma realidade bem evidente:

*Na Profecia de Enoc, o sétimo depois de Adão: «Eis aqui, é vindo... o Senhor com milhares de seus santos» (Judas 14).

*Na convicção de Job: «Porque eu sei que o meu Redentor vive e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele... vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão» (Job 19:25-27).

*Na esperança de Abraão: «Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu sem saber para onde ia... Porque esperava a cidade que tem fundamentos, da

qual o artífice e construtor é Deus» (Heb. 11:8-10).

*Na afirmação de Joel: «Porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão» (Joel 3:14-17).

*No canto glorioso de David: «Virá o nosso Deus e não se calará...» (Sal. 50:2-4).

*Na visão profética de Daniel: «Mas nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído...» (Dan. 2:29-45).

*Na promessa de Jesus: «Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo...» (João 14:1-3).

*Na confirmação dos Anjos: «Este Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir assim como para o céu o vistes ir» (Actos 1:11).

*No ensino de Paulo: «... o mesmo Senhor descerá do céu, com alarido, e com voz de arcanjo...» (I Tess. 4:13-17).

*No esclarecimento de Pedro: «O Senhor não retarda a sua promessa... mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite... mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habitamos a justiça» (II Pedro 3:3, 4, 9-14).

*Nas últimas palavras e promessa final da Bíblia: «Aquele que testifica destas coisas diz: Certamente cedo venho. Amen. Ora vem, Senhor Jesus» (Apoc. 22:20).

Estes seleccionados exemplos que põem em foco o advento, fazem parte das inúmeras referências escriturísticas sobre este tema, o qual constitui a nota tónica de toda a Bíblia, e que poderia ser assim resumida:

*Ele vem: É a pregação do Antigo Testamento;

*Ele veio: E o testemunho do Novo Testamento.

*Ele virá: É a gloriosa esperança que anima toda a Bíblia, desde o Génesis ao Apocalipse. Sem dúvida, «uma das verdades mais solenes, e não obstante mais gloriosas, reveladas na Sagrada Escritura, é a segunda vinda de Jesus Cristo, para completar a grande obra da redenção... A doutrina do segundo advento é, verdadeiramente, a nota tónica das Sagradas Escrituras. Desde o dia em que o primeiro par voltou os entristecidos passos para fora do Éden, os filhos da fé têm esperado a vinda do Prometido, para quebrar o poder do destruidor e levá-los de novo, ao Paraíso perdido»².

O Advento na Era Pós-Apostólica

Depois dos tempos apostólicos e à medida que a igreja cristã se identificava com o poder imperial, a esperança do advento foi-se diluindo. Como muito bem apresenta L. E. Froom, na sua famosa obra «*The Prophetic Faith of Our Fathers*», enquanto que nos primeiros séculos dominava o Pré-Milenismo (doutrina que proclamava a vinda de Cristo como sendo anterior ao Milénio de Apocalipse, Cap. 20), o advento de Cristo com o estabelecimento do Seu reino constituía uma esperança constante. Depois do aparecimento do Império Cristão com Constantino, «a igreja começou a pensar menos na vinda pessoal de Cristo, e mais no aumento da sua própria influência neste mundo presente»³.

Esta transição, já nos séculos terceiros, quarto e quinto, é bem evidente, graças à influência, respectivamente, de Orígenes, Eusébio e, muito particularmente, de Santo Agostinho. Com base no famoso tratado *A Cidade de Deus*, do último autor citado, «foi formulada uma nova doutrina pós-milenita dos últimos dias, introdutora da ideia do triunfo da igreja dentro da história, como um prelúdio do advento de Cristo para juízo e estabelecimento do Seu reino universal mais além da história»⁴.

Durante a Idade Média quase se perdeu a ideia do advento de Cristo. De acordo com Majorie Reeves, na sua recente obra *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages*, o curso da história já não era encarado como «um crescendo do mal

que terminaria catastroficamente com o aparecimento do Filho do homem... para julgar a raça humana e pôr um fim à história», mas, ao contrário, culminaria numa «era de paz, justiça e abundância»⁵.

Ao longo de todos os períodos da história, porém, houve sempre aqueles que mantiveram e transmitiram a esperança do advento bíblico. «O Adventismo é uma realidade em todos os períodos da igreja. Policarpo, Inácio, Papias, Hermas, Justino o Mártir, e os Montanhistas contam-se entre os mais remotos defensores desta doutrina...

«Os pontos de vista adventista foram sustentados na Inglaterra por John Napier, Joseph Mede, e Isac Newton. Na Alemanha, são protagonistas os Pietistas, Campegius, Vitringa e J.A. Bengel, ocorrendo o mesmo nos séculos XVIII e XIX por parte das seitas Ronsdorf, Sakers, Irvingites e Mórmones. Nos Estados Unidos surgiu um movimento interigrejas, de forma bem definida, com Guilherme Miller, que pregava e ensinava a vinda de Cristo entre os anos 1843-1844»⁶.

Antes de entrar na parte central deste assunto — O Reavivamento Profético e o Surgimento da Igreja Adventista — impõe-se esclarecer dois pontos relacionados com os Reformadores e o Adventismo: Em primeiro lugar, convém destacar que Lutero adoptou a doutrina do «Posmilenium» de Santo Agostinho e de Joaquim Floris, com a diferença de já não considerar a vitória da Igreja Católica sobre os seus inimigos (o Anticristo), mas a vitória do Protestantismo sobre a Igreja Romana, classificada como o Anticristo. Esta atitude de Lutero, assim como de Melancton e outros reformadores, é compreensível se tivermos em conta que eles estavam essencialmente preocupados em demonstrar que Roma era o Anticristo, e também porque não reconheciam a canonicidade de alguns livros bíblicos, como Tiago e, muito particularmente, Apocalipse. Sobre este último, escreveu Lutero: «Há demasiadas falhas neste livro para considerá-lo apostólico-profético»⁷. Em segundo lugar, recordemos, com Emmerson, que a Reforma do Século XVI pode nitidamente dividir-se em duas fases: «Primeiro, surgiram os movimentos iniciais de reforma que se agruparam para formar as igrejas Luterana e Calvinista, no Continente e na Escócia, e a Igreja Anglicana na Inglaterra. A outra fase tem a ver

com o facto de que em cada centro da reforma houve dedicadas e corajosas almas que sentiam que a obra da reforma estava sendo travada por compromissos políticos e teológicos. Estes homens estavam determinados, em contraste com os outros de meio-termo, a ir avante até conseguirem restabelecer em toda sua pureza 'a fé que uma vez foi dada aos santos' (Judas 3)»⁸.

Reavivamento Profético dos Séculos XVIII e XIX

A Revolução Francesa detonou como a explosão de um adormecido, mas ameaçador vulcão. Foi o prenúncio de grandes transformações no campo social, político, científico e religioso. Como o define Froom, «esse foi o tempo do surgimento das inovações e dos avanços decididos da ciência. Pairava uma secreta insatisfação sobre a sociedade e o espírito de investigação predominava em todas as áreas»⁹.

Com a detenção do papa, por ordem de Napoleão, e o forte golpe infligido à Igreja Romana, muitos se interrogavam se não seria ela o rei voluntarioso de Daniel 11:36, verificando-se um verdadeiro regresso do Protestantismo ao estudo da profecia. Tudo parecia indicar ter chegado o momento de descerrar os selos do livro de Daniel anunciando para o «fim do tempo» (Dan. 12:4). Grandes reavivamentos espirituais se produziram e vários movimentos religiosos surgiram com um sentido escatológico, porque a «profecia oferece a chave que pode descerrar a complexa situação dos tempos»¹⁰.

Antes de nos referirmos directamente aos reavivamentos religiosos do Novo Mundo, com ênfase para o Movimento Milenista, que culminaria com o desapontamento de 1844, recordemos o que acontecia noutras partes do mundo no entroncamento dos séculos XVIII e XIX.

Nessa época há uma figura que se impõe pelas suas pregações e pela ampla divulgação do seu tratado sobre a segunda vinda de Cristo com poder e majestade. Referimo-nos ao padre jesuíta Manuel Lacunza. Nascido em Santiago do Chile, em 1731, e radicado mais tarde em Itália, ali escreveu sobre profecias e tornou-se um famoso pregador. Em 1779, dedicou-se ao estudo pessoal das Escrituras e leu todos os comentários relativos às profecias, que estavam ao seu alcance. Ao fim de vinte

anos de estudo escreveu a obra *la venida del mesias en gloria y majestad*. Este tratado foi escrito em espanhol em 1791, figurando como autor o pseudónimo Juan Joseph Ben-Ezra, supostamente um judeu-cristão. Não foi publicado antes da sua morte (1801), mas isso não impediu que circulasse rápida e profusamente em forma manuscrita em Espanha e por toda a Europa. Foi no ano 1811, perto de Cádiz, que, pela primeira vez, saiu do prelo. Logo, em seguida, várias reimpressões surgiram: Em Espanha (1812), no México (1821/22), em Paris (1825) e novamente em Londres (1826).

Um dos pontos fundamentais desta obra de Lacunza é a sua base bíblica e o retorno da doutrina escriturística do premilenium (doutrina que proclama a vinda de Cristo como sendo anterior ao Milénio de Apocalipse 20), relegando assim o posmilenium de Santo Agostinho (doutrina que proclama mil anos de paz e prosperidade antes da vinda de Cristo).

Como resultado da expansão desta obra e do interesse generalizado pelo estudo das profecias de Daniel e Apocalipse havia um sentido comum de influência quanto a algo de especial que estava para ocorrer. Havia, também, um significativo consenso sobre o término da profecia das 2.300 tardes e manhãs, relacionada com a purificação do Santuário e que viria a ser o tema central do Movimento Millerista. Como pontualiza Froom, «setenta e quatro expositores residentes em doze nações, espalhadas sobre quatro continentes, antes do aparecimento do primeiro livro de Miller sobre profecia (TROY, New York, 1836) se anteciparam a ele e estavam de acordo no que respeitava às suas essenciais posições cronológicas»¹¹.

Vale a pena recordar as origens e as circunstâncias deste grande movimento religioso, do início do século XIX, chamado Millerismo. William Miller, de quem deriva o seu nome, era um capitão do pequeno exército americano, que enfrentou os Britânicos na contenda de 1812 a 1814. Sendo neto de um pastor baptista, Miller estava familiarizado com a religião, o que não impediu que se debatesse com inúmeras dúvidas e se afastasse do caminho aprendido na sua infância. Ao ser desmobilizado do exército, dedicou-se à vida do campo, onde encontrou ambiente para a reflexão e o momento propício para en-

frentar-se com as suas dúvidas, que o levaram a um estudo pessoal, profundo e sistemático da Bíblia, com a ajuda somente de uma concordância.

Começando por Génesis e comparando texto com texto, Miller apercebeu-se do princípio profético de um dia representar um ano e deparou com esse famoso texto de Daniel 8:14. «Até 2.300 tardes e manhãs e o Santuário será purificado» que dominou toda a sua vida.

Ao descobrir, pelo estudo comparado das profecias e da história, que esse período profético começava em 457 A.C., e identificando a expressão «O Santuário será purificado» com o fim do mundo, Miller abruptamente chegou à conclusão de que a vinda de Cristo seria por volta do ano 1843. Isso ocorreu no ano 1818, o que significava que o fim seria dentro de 25 anos! Um misto de urgência e de temor se apoderou de Miller. Por um lado, o sentido da imperiosidade de avisar os outros desta verdade tão iminente; por outro lado, o sentido de incapacidade por se considerar um humilde fazendeiro e não um pregador. Durante os treze primeiros desses vinte e cinco anos, Miller resistiu à ideia de pregar e continuou a estudar este mesmo assunto com medo de estar errado. Finalmente, em Agosto de 1831, não pôde resistir mais a essa voz interior que parecia dizer-lhe insistentemente: «Vai, e anuncia-O ao mundo». Foi nestas circunstâncias que aquele fazendeiro de 50 anos de idade se tornou, contra sua própria vontade, num grande pregador da segunda vinda de Cristo.

Começando por expor essa mensagem nas pequenas igrejas, dentro de pouco tempo, por insistência e apoio do brilhante jovem pastor Joshua V. Himes, Miller estava percorrendo as grandes cidades onde pregava, com convicção e poder, em templos e reuniões campais, a segunda vinda de Cristo, diante de grandes multidões.

A mensagem de Miller consistia basicamente numa forma de evangelismo que procurava ajudar as pessoas a prepararem-se para encontrar o seu Senhor. Um reavivamento sucedia-se a outro entre os metodistas, os baptistas, os presbiterianos, luteranos, etc. Grande quantidade de pastores de várias denominações se juntaram para ajudar este movimento. Merecem uma menção especial, entre outros, o já referido pastor Joshua V. Himes, que se tornou no grande publicista, promotor e

organizador das campanhas de Miller, e Josiah Litch, que escreveu um livro de 200 páginas sobre as profecias de Miller e que ajudou muitíssimo a persuadir a Charles Fitch a juntar-se ao Movimento. Este mesmo Fitch era pastor Congregacionista em Bóston e um dos assistentes executivos do famoso evangelista Charles G. Finney. Muitos mais pregadores e homens de influência poderiam ser mencionados, entre os que se identificavam com este movimento anunciador da segunda vinda de Cristo no dia 22 de Outubro de 1844. Calcula-se, no entanto, que os pastores e laicos que apresentavam a mensagem Millerista rondavam entre 1.500 e 2.000. «De acordo com um estudo feito sobre 174 pregadores e conferencistas Milleristas, E.N. Dick verificou que 44,3% deles eram Metodistas, 27% Baptistas, 9% Congregacionistas, 8% Cristãos Unidos e 7% Presbiterianos, enquanto que menos de 5% vinha das igrejas Anglicana e Reformada»¹².

Este movimento que anunciava indevidamente a volta de Cristo para o dia 22 de Outubro de 1844, atingiu o seu clímax nessa data e por tal não aconteceu num grande desapontamento.

Miller enganou-se, mas seria a mensagem da segunda vinda de Cristo um engano? Vários se puseram a analisar este assunto e descobriram o seguinte:

1) Miller ensinava que Cristo virá outra vez. Ele não estava errado neste ponto; toda a Bíblia o ensina e só o Novo Testamento o afirma mais de 300 vezes.

2) Miller também tinha razão ao instar com as pessoas que devem estar preparadas para a segunda vinda de Cristo.

3) Também tinha razão quando dizia que os 2.300 dias de Daniel 8:14 equivalem profeticamente a 2.300 anos. Este princípio de interpretação não foi inventado por Miller, mas é sustentado por muitas autoridades bíblicas de várias épocas.

4) Ele também tem apoio bíblico ao pregar que este mundo antes de se tornar um lugar melhor, tem que ser destruído.

O erro de Miller, apesar de ser um sincero estudante da Bíblia, consistiu em pensar que Cristo viria no dia 22 de Outubro de 1844. Como pôde Miller chegar a este erro? Simplesmente por se haver confundido em dois pontos básicos: Primeiro, tomou como assente que um período profético tão longo como os 2.300 dias devia coincidir si-

multaneamente com o fim do mundo; em segundo lugar, Miller considerou que o santuário que devia ser purificado não podia ser o santuário celestial, porque ele não podia aceitar que no céu pudesse haver algo que necessitasse de purificação. Muitos outros estudiosos da Bíblia tinham a mesma opinião, o que leva a afirmar que «Miller não contribuiu muito para ‘fazer’ estes erros, mas pelo contrário aceitou-os»¹³. Como bem o diz Norman, «Ao falhar a sua predição, Miller francamente reconhece o seu erro e abandona o movimento»¹⁴, mas podemos acrescentar que Deus não falha nem abandona o Seu propósito, como veremos a seguir.

Surgimento da Igreja Adventista

Depois do tremendo desapontamento de 22 de Outubro de 1844, a grande esperança e expectativa foram destroçadas. Um espírito de luto e lamentação invadiu a todos, como nunca havia acontecido, mas que serviu para levar alguns a uma atitude de reflexão, estudo e oração sobre o tema. Esta experiência de desapontamento, que no juízo humano parece como um fracasso, não o é na realidade, porque marca o começo das acções escatológicas de Deus. Convém aqui ter presente o significado de escatologia, como sendo a «doutrina dos acontecimentos do fim que estão estreitamente relacionados com a segunda vinda de Cristo. A revolução foi acção do homem durante a primeira metade do século XIX. A escatologia representa a acção de Deus nesse mesmo período»¹⁵. E, como acrescenta o Dr. Mário Veloso na obra já citada, *Cristianismo y Revolución*, parte dessas acções escatológicas de Deus «era o surgimento de uma comunidade religiosa que o apóstolo João descreve em Apocalipse capítulos 10 e 14. Para integrar esta comunidade religiosa, os cristãos passariam por uma experiência especial com a profecia de Daniel, que seria ‘doce como mel’ na boca e ‘amarga no estômago’»¹⁶.

Neste momento, como que na base dessa comunidade religiosa, destaca-se Hiram Edson, um ex-metodista, que juntamente com outros do seu grupo pensam: «Há um erro em nós e não em Deus». Não tinha dúvidas sobre as bases bíblicas da segunda vinda de Cristo e da necessidade de pregar essa mensagem a todo o mundo. Re-

colheu ao seu celeiro para orar e estudar a Bíblia com alguns amigos crentes. Ao sentir-se melhor e com a reconfirmação de que o fim estava próximo, saiu com o propósito de visitar e animar alguns vizinhos decepcionados como ele. Ao cruzar um campo de milho teve a «visão» que lhe mostrou que Cristo não tinha vindo a esta terra (o suposto santuário), mas que, na realidade, o que havia acontecido no fim do período profético dos 2.300 anos, era a passagem de Cristo do Lugar Santo ao Lugar Santíssimo do Santuário Celestial. «Isto provou a Edson que os cálculos proféticos de Miller eram correctos, apesar de que o acontecimento predito não fosse a segunda vinda de Cristo, mas a abertura, no céu, de um juízo investigativo para determinar quem, de entre os mortos, são dignos da ressurreição»¹⁷ — (Heb. 9:23-25).

Esta compreensão do ministério celestial de Cristo abriu novos horizontes ao estudo das doutrinas bíblicas que estavam solapadas e que agora deviam ser apresentadas «... a toda a nação, tribo, língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é vinda a hora do seu juízo; e adoraí Aquele que fez os céus e a terra, o mar e as fontes das águas» (Apoc. 14:6-12). Referindo-se a Hiram Edson, pode dizer-se que, «num sentido real, a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu naquele momento, naquele campo, quando aquele fazendeiro contemplou a Cristo»¹⁸.

Esse grupo de crentes, do qual fazia parte Ellen Harmon e seus familiares, reunia-se regularmente para estudar a Bíblia e orar. Foi numa dessas reuniões de oração, no dia 17 de Novembro, que Ellen recebeu a sua primeira visão, podendo contemplar o povo adventista no mundo, assim descrita por ela mesma: «Enquanto eu estava orando junto ao altar da família, o Espírito Santo me sobreveio, e pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra. Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: ‘Olha novamente, e olha um pouco mais para cima’. Com isto olhei mais para o alto e vi um caminho recto e estreito, levantado em lugar elevado do mundo. O povo do advento estava nesse caminho, a viajar para a cidade que se achava na sua extremidade mais afastada. Tinham uma luz brilhante colocada por trás deles no começo do caminho, a qual um anjo me

disse ser o 'clamor da meia-noite'¹⁹.

Em 1850 Ellen, já casada com James White, começou a expandir a mensagem adventista com a publicação do que se havia de tornar o órgão oficial da Igreja: «The Adventist Review». Em 1863 esse movimento já organizado como uma Associação legal adoptou o nome definitivo de *Adventistas do Sétimo Dia* e contava com 3.500 membro congregados em 125 comunidades dentro dos Estados Unidos. O sentido da iminência e da universalidade levam os responsáveis a enviar o primeiro missionário — John Andrews — para Europa e logo em seguida outros missionários para outros continentes.

Em cerca de 140 anos, os Adventistas têm percorrido uma trajetória muito singular: Começando por pregar em cozinhas, tendas e celeiros, na actualidade estão estabelecidos praticamente em todo o mundo, contando aproximadamente com cinco milhões de membros, 50 Casas Publicadoras, 300 Hospitais, a maior rede de escolas privadas, programas comunitários, etc.

Não se mencionam estes dados como motivo de vanglória, porque não há nenhum mérito especial; simplesmente se pre-

tende realçar que a Igreja Adventista faz parte da cadeia contínua dos arautos e testemunhas que Deus sempre teve através dos séculos. Os adventistas não inventaram nada, porque ao surgirem por Deus como proclamadores do «Evangelho Eterno» (Apoc. 14:6-12) constituem o terminal de essa cadeia de luz anunciada e transmitida pelos profetas e mensageiros de Deus, carregada com o tempo e que deve brilhar sobre todo o mundo. Como o descreve o Dr. Mário Veloso na obra já citada, a «Igreja Adventista do Sétimo Dia não foi uma expressão de revolução religiosa da sua época, nem se identificou com ela. Foi um acto de Deus nestes tempos finais da história porque cumpriu as profecias que Deus tinha estabelecido, surgiu no momento que Deus tinha determinado, organizou-se da maneira que Deus queria e dedicou-se à obra que Deus tinha estabelecido: a pregação do evangelho eterno»²⁰.

Esta mensagem dos Adventistas é Cristocêntrica e consiste numa herança comum do Protestantismo mundial, com oportuna ênfase sobre o cumprimento das profecias e a consequente iminência da segunda vinda de Cristo. Como facilmente se pode inferir cada doutrina e

mensagem profética dos Adventistas do Sétimo Dia era mantida por um ou mais grupos de Puritanos e Igrejas dos vários séculos, que lamentavelmente, por uma razão ou outra, foram abandonando a sua herança profética.

Em forma de conclusão queremos citar William Johnson, actual editor da «Adventist Review», órgão oficial da Igreja Adventista, reconhecendo que «não pretendemos que somente nós somos o povo de Deus. Ele conhece os seus entre todas as nações e todas as igrejas, mas nós cremos que Ele suscitou e reuniu este povo adventista como um remanescente profético para a hora final na terra»²¹.

Consciente do privilégio e da responsabilidade de ser um Adventista do Sétimo Dia, considero oportuno encerrar esta exposição com as últimas palavras que se encontram registadas nas Sagradas Escrituras: «*Aquela que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amen. Ora vem, Senhor Jesus!*» (Apocalipse 22:20-21).

BIBLIOGRAFIA

1. White, Julius Gilbert, *The Christian Experience on the Remnant Church*, 1942, p. 1.
2. White, Ellen G., *O Conflito dos Séculos*, p. 220.

3. Froom, LeRoy E., *The Prophetic Faith of Our Fathers* — (Washington, D.C., Review & Herald, 1950-1954), Vol. I, p. 207.
4. Emerson, W.I., *The Reformation and The Advent Movement* (Washington, D.C., Review & Herald Publishing Association, 1983), p. 57.
5. Revees, Majorie, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages* — (London, Oxford University Press, 1969), p. 295.
6. Norrman, J.G.G., «Adventists», in the *New International Dictionary of the Christian Church* — J.D. Douglas, Ph.D. General Editor, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Mi., p. 15.
7. Koolman, W.J., *Luther and the Bible*, p. 115 (in W.L. Emerson, *Op. Cit.*, p. 59).
8. Emerson, *Op. Cit.*, p. 15.
9. Froom, *Op. Cit.*, Vol. III, p. 264.
10. *Ibidem*, p. 265.
11. *Ibidem*, p. 403.
12. Emerson, *Op. Cit.*, p. 200.
13. *Ibidem*, p. 20.
14. Norman, J.G.G., *Op. Cit.*, p. 15.
15. Veloso, Mario, *Cristianismo y Revolución* (Lima, Universidad Unión Incaica, 1985), pp. 16, 17.
16. *Ibidem*, p. 19.
17. Clouse, Robert G., «Seventh Day Adventist» in the *International Dictionary of the Christian Church*, (Zondervan, 1974), p. 899.
18. *Moving Out*, p. 25.
19. White, Ellen G., *Primeiros Escritos*, p. 14.
20. Veloso, Mario, *Op. Cit.*, p. 22.
21. Johnson, W.C., *Adventist Review*, 14 de Janeiro de 1982.

Pastor adventista, actualmente na Universidade de Andrews.

PARA OS MAIS NOVOS

A multiplicação dos pães e dos peixes

Um dia, [após uma notícia que o entristeceu] Jesus tomou um barco e retirou-Se para um lugar deserto, apartado. Mas o povo, ao saber isso, seguiu-O a pé, desde as cidades.

Quando Jesus saiu do barco, viu uma grande multidão que O esperava e o Seu coração ficou cheio de pena deles. Então curou todas as pessoas que estavam doentes e falou-lhes do Reino de Deus.

E assim o dia foi passando e era já muito tarde. Os discípulos de Jesus aproximaram-se d'Ele e disseram-Lhe:

— Este lugar é deserto e é já

muito tarde. Diz à multidão que se vá embora, para que vão pelas aldeias e comprem comida para si.

Porém, Jesus respondeu-lhes:

— Não é necessário que vão.

Dai-lhes vós de comer!

Então, eles disseram:

— Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes!

Disse Jesus:

— Tragam-mos cá!

E mandando que a multidão se assentasse sobre a relva, tomou os cinco pães e os dois peixes, e erguendo os olhos ao Céu, abençoou-os. A seguir, partiu os pães e deu-os aos discípulos e estes re-

partiram-nos pela multidão. De forma que todos comeram até não ter mais fome.

Juntaram então os pedaços de pão e de peixe que tinham sobrado e encheram com eles doze grandes cestos. E mais de cinco mil pessoas se alimentaram com cinco pães e dois peixes. *O Evangelho Segundo S. Mateus, 14:13-21* (Linguagem Moderna).



A Noção da Palavra

À excepção do nome de Deus, o termo que ocupa um papel importante é a Palavra. Assim encontramos:

- 1 — O papel da Palavra na Criação.
- 2 — O papel da Palavra na Revelação
- 3 — Na era cristã tudo culmina na Palavra de Deus.
- 4 — Cristo identificado à Palavra de Deus.
- 5 — A igreja chamará às Escrituras a Palavra de Deus.¹

O que é a Palavra?

A etimologia do termo hebraico *Dabar* servirá-nos de ponto de partida. A sua significação primeira é: *Estar por trás e empurrar para a frente* — sentido admitido pela maioria dos comentadores.²

Quando o homem fala, há qualquer coisa que está por trás e que empurra para a frente, isto é, as palavras são empurradas para fora por aquilo que está por trás, isto é, o pensamento secreto, ou melhor, a passagem ao acto do que primeiramente existia no coração.³

O homem ao falar *Exprime-se*, e por isso ele sai de si-mesmo. Quando o homem fala, ele age. A

palavra não é barulho, ela é acção.

No grego, o verbo — *legô* — equivale a: Dizer, contar, pensar⁴

Nestas duas línguas encontramos duas características

2 — Hebraico — Falar e agir

2 — Grego — Falar e pensar

Falar é agir. A palavra não explica os fenómenos; ela cria-os. Para o Hebreu, o homem é essencialmente um ser *Responsável*, isto é, ele é capaz de *Responder!* O *Dabar Yahweh* — o Deus dos profetas é um Deus que fala, porque Ele dirige a história. Na Bíblia, a palavra tem sempre um conteúdo! Ela é encarnada. Quando Deus fala, Ele está presente com todo o poder das Suas palavras — é por isso que a força de uma palavra é sempre aquela de quem a pronuncia.⁵

O profeta é o homem da palavra; o rei Acab pede um *dabar* aos seus profetas — I Reis 22:5-13. Jeremias define o profeta pelo *dabar* — Jer. 18:18. Entre a palavra legalista e a palavra profética há uma importante diferença: Os *Debarim* constituem a revelação de Deus — Ex. 20:1; 24:3, 4, 8; 34:1, 27, 28 — e têm um

valor durável para todas as gerações, enquanto que a palavra do profeta dita em circunstâncias precisas não tem valor senão até ao seu cumprimento e não além deste, como por exemplo:

1 — O *dabar* que Elias anuncia o rei Acazias sobre a morte do rei — II Reis 1:3, 4

2 — O oráculo do profeta Miqueias sobre a ruína de Jerusalém e do Templo — Miq. 3:12

Em casos precisos e individuais, os profetas não anunciam *uma palavra*, mas, a palavra de Yahweh — não só nos exemplos vistos em epigrafe, como também no caso típico em que a mulher de Jeroboão pede um *dabar* a Aías.⁶

Deus fala, Deus está presente — cf. Isaías 55:10, 11. Inversamente, para designar o que não existe, a língua hebraica diz simplesmente *lô dabar* ou emprega algum termo sinónimo de: vazio, mentira. O ídolo de madeira, em si mesmo constitui-se uma *palavra* que é vazia, que é mentira em si mesmo, porque não pode salvar.⁷

A palavra dos ídolos são mentiras porque não são seguidas de efeito; por isso Deus os desafia a que mostrem provas desse poder que os homens anunciavam que estes tinham.⁸

Assim o Ser está sempre presente nas palavras que pronuncia — «Se o ser não tem força, as suas palavras são vazias de conteúdo.»⁹

A linguagem é o modo de relação entre as pessoas. A fé é sempre, para

o pensamento cristão, um apelo e ao mesmo tempo uma resposta — «... assim como a aliança é uma troca de palavras — um diálogo».¹⁰

O *Espírito* e a *Palavra* fazem parte da linguagem antropomórfica. Para os profetas não é o espírito mas a palavra que os qualifica para o ministério, porque somente a palavra pode criar entre o profeta e Deus uma relação de pessoa a pessoa — pois a palavra pressupõe o espírito.

Sem o espírito e na sua interligação com a palavra, não pode haver comunicação entre Deus e o homem! Pois se a palavra, como se disse, pressupõe o espírito, isto é o sopro criador de vida e graças ao qual o homem existe... consequentemente é marcada não só a dependência em relação a Deus, *Aquele que É*.

É esta diferença entre o *SER* e o *EXISTIR* que estabelece esta dependência. E assim como o *SER*, que por definição se opõe ao *NADA*, o homem só existe em relação a Deus, exactamente pelo vínculo ao seu Criador — pela Palavra.

REFERÊNCIAS

1. Vischer, Wilhelm — *Ils annoncent Jésus-Christ*, pág. 25
2. Imschoot, P. Van — art. «Palavra» In *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, pág. 1094
3. *Ibidem*
4. Pereira, Isidro, *Dicionário Grego-Português*, pág. 343.
5. Isaías 55:10, 11
6. I Reis 14:5
7. Isaías 44:30
8. Isaías 41:22-24
9. Pidoux, Georges — *L'Homme dans L'Ancien Testament*, pág. 38
10. Leenhardt, Franz J. — *Parole — Ecriture Sacraments*, pág. 12,13

I. Carvalho, pastor distrital da Ilha da Madeira

Apenas Calebe e Josué entraram em Canaã?

Estudo documentado que lança luz sobre uma aparente contradição bíblica.

Os doze homens enviados por Moisés regressam, após terem espiado a terra de Canaã, e apresentam o seu relatório. Dez deles, infamando a terra, fazem derreter de medo o coração do povo, e este, murmurando contra Deus, e pretendendo levantar um capitão, intenta voltar ao Egípto. Nada adiantou, Calebe e Josué — dois do grupo dos doze — fizeram veemente apelo no sentido e o povo confiar inteiramente nas mãos de Deus, a fim de que pudessem entrar em Canaã.

O clima, naquele momento dramático, era de profunda tristeza. Os líderes do povo estavam perplexos, sem saber o que fazer. Deus, muito indignado, pretende destruir o povo, fazendo de Moisés «um povo maior e mais forte do que este» (Núm. 14:12). No entanto, o grande líder, em tocante apelo, pede que Deus perdoe e poupe a Seu povo. E o Eterno, atendendo à intercessão de Moisés, declara:

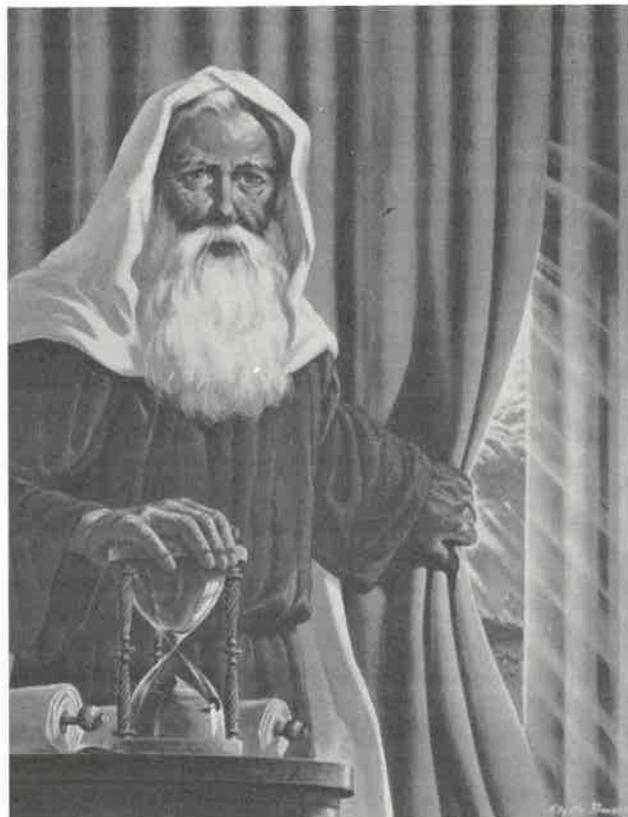
«Neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos os que

de vós foram contados segundo o censo, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra Mim murmurastes; não entrareis na terra, pela qual jurei que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num» (Núm. 14:29 e 30).

Para muitos, a simples leitura destes dois textos, transcritos acima, é o suficiente para extrair a resposta à pergunta formulada no título do nosso artigo.

Insistimos com a pergunta: Quantos, daqueles que saíram do Egípto, daquela geração adulta, entraram na Terra Prometida? Só Calebe e Josué? Dá-me a impressão de que estou a ouvir de alguém, como resposta, um enfático *sim*. No entanto, o objecto deste artigo é mostrar algo um tanto diferente. Caso esteja disposto a raciocinar comigo, e ler mais alguns textos sagrados, verá que outros — adultos — entraram em Canaã, juntamente com Calebe e Josué.

Rapidamente alguém pode pedir que se leia, da



serva do Senhor, estas palavras: «...apenas dois de todos os adultos do vasto exército que deixou o Egípto, foram achados dignos de entrar na Terra Prometida.»¹

Respondemos que esta citação do Espírito de Profecia, bem como o texto de Números 14:29 e 30, já referido, devem ser lidos dentro de um contexto mais amplo, para que se tenha uma visão completa do conjunto. Por exemplo, no mesmo livro de onde se extraiu o pensamento acima (*Patriarcas e Profetas*) a serva de Deus, falando do povo que atravessou o Jordão diz: «Quando todo o povo havia passado, a arca mesma foi levada para a margem ocidental».² Aqui ela usa a expressão «*todo o povo*», o que le-

varia qualquer leitor apressado e superficial a imaginar que *todo o Israel* atravessou o Jordão. Nós não cremos assim, nem a irmã White, quando neste livro fala das duas e meia tribos, que uma vez recebendo herança aquém do rio, conseqüentemente não passaram o Jordão.³

Quem mais entrou em Canaã?

De Eleazar, um dos filhos de Arão, o sacerdote, lemos o que Deus falou a Moisés, quando o povo se achava junto ao Sinai: «Faze também vir para junto de ti Arão, teu irmão, e seus filhos com ele, dentre os filhos de Israel, para Me oficiarem como sacerdotes, a saber, Arão, e seus filhos

Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar» (Êxo. 28:1).

No livro de Números, lê-se que «Eleazar e Itamar oficiaram como sacerdotes diante de Arão, seu pai» (Núm. 3:4). Ele foi apontado — ali no Sinai — como «príncipe dos príncipes de Levi» (Núm. 3:32). Diz ainda o texto que o mesmo devia ter «a superintendência dos que têm a seu cargo o santuário» (*Ibidem*). Mesmo, ainda, quando da rebelião de Coré, e morte dos revoltosos, Deus por meio de Moisés, falou-lhe para que tomasse os incensários dos rebeldes, e os convertesse em lâminas para cobertura do altar. É dito que «Eleazar, o sacerdote» fez como lhe ordenara o Senhor. (Núm. 16:37-40). E após a morte do pai, Eleazar o sucedeu no ofício sagrado. (Núm. 20:25-28).

Nunca, porém, deve ser esquecido o facto de que para alguém ser sagrado ao sacerdócio, devia de ter no mínimo 30 anos. É isto o que lemos: «Da idade de trinta anos para cima até aos cinquenta será todo aquele que entrar neste serviço, para exercer algum encargo na tenda da congregação» (Núm. 4:3).

Quando Israel, quase no fim da sua peregrinação, é outra vez numerado, fala assim o livro de Números: «São estes os que foram contados por Moisés e o sacerdote Eleazar, que contaram os filhos de Israel nas campinas de Moabe, ao pé do Jordão na altura de Jericó. Entre estes, porém, nenhum houve dos que foram contados por Moisés e pelo sacerdote Arão, quando levantaram o censo dos filhos de Israel no deserto de Sinai.

Porque o Senhor dissera deles que morreriam no deserto; e nenhum deles ficou, senão Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num» (26:63-65).

E na primeira contagem, junto ao Sinai, mais de trinta anos antes, ainda que o texto não diga que Eleazar tivesse ajudado no censo, tinha ele mais de trinta anos, como foi observado nas linhas acima. Sim, e mais tarde o mesmo é encontrado ajudando na divisão da terra, aquém do Jordão. (Núm. 32:2 e 28).

Nesta altura deixemos de lado, por um instante, a Eleazar, e pensemos no seu filho Finéias. Na verdade, não sabemos a sua idade, mas de uma coisa somos informados: Finéias nascera no Egito antes do Êxodo (Êxo. 6:25)), e quando muitos dos filhos de Israel se prostituíram com as moabitãs, assumiu ele postura tal, que recebeu o louvor de Deus. (Núm. 25:11-13). Foi uma atitude própria de um homem adulto, cõscio das suas responsabilidades, e não de uma criança. Nesta ocasião ele não podia ser um menino. Diz assim o texto sagrado: «Eis que um homem dos filhos de Israel veio e trouxe a seus irmãos uma midianita perante os olhos de Moisés e de toda a congregação dos filhos de Israel, enquanto eles choravam diante da tenda da congregação. Vendo isso Finéias, filho de Eleazar, o filho de Arão, sacerdote, levantou-se do meio da congregação, e, pegando uma lança, foi após o homem israelita até ao interior da tenda, e os atravessou, ao homem israelita e à mulher, a ambos pelo ventre; então a praga cessou de sobre os fi-

lhos de Israel» (Núm. 25:6-8).

Uma criança jamais faria o que Finéias fez, matando o casal de adúlteros; uma criança não teria força física para tal, além de não ter tão desenvolvido o senso moral, para ajuizar quanto à extensão do acto pecaminoso, a fim de dar a ambos a morte. A conclusão a que chegamos é que Finéias, já em pleno deserto, devia ser homem feito.

É mais, é bom que atentemos para este outro facto, naqueles dias: Quase no fim da peregrinação do povo no deserto, Moisés envia Finéias à guerra contra os midianitas (Núm. 31:6). Pela leitura do texto (ele foi líder do exército israelita) nunca podemos aceitar a ideia de que Finéias fosse uma criança ou mesmo um juvenzinho.

E uma vez, do outro lado do Jordão, dentro de Canã, eis que se apresentam diante de nós *Eleazar e Finéias!* De acordo com o relato do livro de Josué, lá estava Eleazar repartindo a terra, juntamente com Josué (14:1). Também lá em Canaã estava seu filho Finéias (Jos. 22:13).

O registo sagrado conta-nos que o sacerdote Eleazar morreu em Canaã, e foi sepultado no outeiro de Fiéias, seu filho. (Jos. 24:33).

Voltemos ao texto de Núm. 14:30: «Não entrareis na terra, pela qual jurei que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num.» Há no caso, aqui, alguma contradição? Porque diz o texto: «salvo Calebe e Josué», se, como foi demonstrado, outros, igualmente adultos, também entraram em Canaã?

A resposta que podemos oferecer é que, como crêem alguns,⁴ os levitas não estavam incluídos naquela proibição, uma vez que não havia nenhum deles representando a sua tribo, entre os espias. Seria bom, nesta altura, ler a listagem dos nomes dos espias, como nos é oferecida no livro de Números (13:1-16).

Desde o Sinai, por uma série de razões, observa-se que os levitas constituíam uma tribo à parte, toda especial. Por exemplo, no censo, enquanto se usava, para o povo, uma faixa etária como norma, para os levitas outra era considerada (Núm. 1:3, 26:4 e 62). E mais, aquando da primeira numeração do povo de Israel, a tribo de Levi, por ordem de Deus não fora contada (Núm. 1:47-49). Portanto, repetindo, a proibição «não entrareis na terra», tinha apenas que ver com a grande maioria do povo, e não com a tribo de Levi.⁵

Concluindo, podemos dizer que da geração adulta, que saíra do Egito, dos filhos de Israel (não contando a tribo de Levi, como já demonstrado) não só Calebe e Josué, mas também Eleazar e Finéias, por nome, entraram em Canaã. □

Referências:

1. White, E. G. *Patriarcas e Profetas*, pág. 499.
2. *Ibidem* págs. 511 e 512.
3. *Ibidem* pág. 549 e Jos. 1:12-15 e 4:13.
4. NICHOL, F. D., (ed.), *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 1, pág. 868, KEIL e DELITZSCH, F., *Commentary on the Old Testament*, pág. 97.
5. «It may be assumed that the family of Aaron is tacitly included in the exception.» GRAY, G.B. *A Critical and Exegetical Commentary on Numbers*, Edinburg: Morrison and Gibb Limited, 1956, pág. 162.

Doutor em Teologia e pastor distrital de S. Paulo, Brasil

1 — A REPRESSÃO DO CRISTIANISMO: Génese e Desenvolvimento Histórico

Desde muito cedo, estava profetizado que haveria inimizade entre a «serpente» e a «mulher», entre Satanás e a Igreja. Jesus haveria de historiar esta inimizade ao referir que «desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias»,¹ haveria sempre inimizade entre os filhos dos homens e os filhos de Deus, entre o príncipe das trevas e o Rei da luz. Isto se repetiu no Novo Testamento, desde o nascimento de Cristo até ao Seu ministério, desde os primeiros mártires até às arenas romanas, desde a repressão dos cismáticos pós-constantinianos até aos hereges das fogueiras inquisitoriais.

Na perspectiva de um futuro sombrio e em que a ira do dragão se traduzirá em guerra contra «os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo», convir-nos-ia atentar com mais profundidade para a história da repressão do Cristianismo, a fim de compreendermos melhor o futuro próximo que nos espera.

Perseguição Palestino-Romana

A perseguição ao Cristianismo é tão antiga quanto ele. Nasceu quando nasceu o seu Fundador, e quando Herodes o Grande O pretendeu aniquilar, pela matança dos inocentes blemitas. Depois, veio o início do ministério cristão em Nazaré e a consequente reacção dos príncipes da sinagoga local, ao intentarem atirá-lo ao precipício mortal. Mas a proclamação do Evangelho prosseguia, e a oposição dos fariseus e saduceus crescia, quantas vezes concomitantemente com as autoridades romanas. Daí dizermos: perseguição palestino-romana.

Vejam os. Jesus Cristo é preso pelo Sinédrio e morre às mãos do governador romano, Pilatos (31 AD). Antes já o seu precursor, João Baptista, sucumbira à trama urdida por Herodias que levava Herodes Antipas, o Tetrarca da Galileia, a

mandar decapitá-lo. Mais tarde foi Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo, que foi apedrejado (34 AD), depois de ter sido levado ao Conselho (Sinédrio) por Júdeus-gregos, presumivelmente da mesma origem geográfica.

O apóstolo Tiago (no original é *Iaco* ou *Jacó*) é irmão do apóstolo João e pereceu à espada de outro Herodes: Agripa I (44 AD). Foi o primeiro apóstolo a selar o seu testemunho com sangue.

O Evangelho, entretanto, expandiu-se para além das fronteiras palestinas, atingindo o mundo da cultura helénica, mas de domínio romano. Aqui e mais além, surgiram reacções ao Cristianismo, muitas vezes suscitadas pelos príncipes da sinagoga local, que ataçavam o povo ou as autoridades locais contra os cristãos. É o ódio judaico que persiste mesmo na diáspora, e que nunca desarma. N. Zernov, historiador ortodoxo, escreveu a este propósito: «O judaísmo, o helenismo, e o estado romano, foram não só o berço da Igreja, mas também os poderes que a tentaram sufocar. Se os seus chefes tivessem tido mão livre para agirem contra os cristãos, teriam tratado de aniquilá-los completamente».²

Poderíamos enumerar toda uma infindável série de tentativas que do Novo Testamento e a História registaram. Mas por motivos óbvios, limitar-nos-emos a referir os factos mais marcantes dessa repressão dos cristãos, quer na fase florescente do Cristianismo quer já no período decadente.

Perseguição dos Imperadores Pagãos

Entre os grandes repressores do Cristianismo, encontram-se alguns imperadores romanos pagãos, que viam nele um adversário e opositor da ordem pública, do culto do imperador e da vida social estabelecida.

Nero (57-68 AD) foi o primeiro grande perseguidor na história dos cristãos. Para apaziguar

a insatisfação popular causada pelo incêndio da cidade de Roma, que ele próprio mandara atear, deu morte a muitos discípulos de Cristo. As suas mãos morreram também o apóstolo Paulo, que foi decapitado, e o apóstolo Pedro, crucificado de cabeça para baixo.

Domiciano (81-96 AD) dirigiu uma onda persecutória contra a igreja, sendo desta feita detido, entre outros, o apóstolo João, que foi condenado à morte num caldeirão de azeite fervente. Contudo, ele foi salvo milagrosamente e veio a ser exilado posteriormente, para a Ilha de Patmos, onde escreveu o seu Apocalipse (Revelação de Jesus Cristo).

Sob o imperador Trajano (98-117 AD), apesar do seu humanismo e da sua cultura clássica, alguns cristãos sofreram o martírio. São os casos de S. Inácio de Antioquia (Ásia) e de Simeão de Jerusalém, que foram contemporâneos do apóstolo João. É neste período que Plínio, o jovem, governador da Bitínia (111-113 AD), escreveu a sua carta a Trajano, contando-lhe do grande número de cristãos na sua província, a quem considerava indesejáveis e castigava os que caíam na sua mão, mas que não representavam um perigo tão grave para merecer a destruição total. Trajano respondeu-lhe nestes termos: «Meu digno Plínio, tens seguido a correcta linha de conduta, no trato com os que se te apresentam como cristãos. Não se lhes deve perseguir. Se são denunciados e convictos, devem ser castigados, mas com a reserva: se algum negue ser cristão e o demonstre activamente, adorando a nossos deuses, deve ser perdoado por seu arrependimento, sem ter em conta as suspeitas sobre o seu passado...»³. Trajano foi considerado vacilante na sua política religiosa, como tantos outros seus predecessores e sucessores. Nessa acção governamental, muitos foram os que pereceram na firmeza do seu testemunho cristão.

S. Policarpo, bispo de Esmirna e o mais jovem companheiro de S. Inácio de Antioquia, foi também sacrificado na fogueira romana, ao ser queimado vivo, sobre o Monte Pago, em 156 AD.

Com Marco Aurélio, (161-180 AD) dá-se uma nova arremetida contra a Igreja. Como filósofo estoicó, Marco Aurélio foi insensível e indiferente aos males físicos e morais, tal como preconizava esta escola fundada por Zenão. Daí o imperador votar um odioso desprezo aos cristãos, condenando-os como «fanáticos, perigosos e inflexíveis»⁴. Sob o seu consolado, muitos foram os cristãos que padeceram o martírio. Destacamos S. Justino, o mártir, (165 AD), e bem assim os denominados «cristãos de Lyon».⁵

No entanto, foi na terceira centúria da era cristã, que surgiu a maior série de imperadores cruéis. Vejamos os principais: Décio (249-251 AD) foi o primeiro imperador a tornar obrigatório o culto do imperador, ordenando, na sequência, buscas sistemáticas pelas casas, a fim de prender e castigar os renitentes. Naturalmente que os desobedientes foram condenados à morte ou à deportação. Valeriano (253-260 AD), de início, favorável aos cristãos, mudou de política ao editar medidas violentas sobretudo contra a classe dirigente da igreja. Muitos sucumbiram então, como foi o caso de S. Cipriano, que sofreu o martírio por causa do testemunho cristão.

Com Galiano (260-268 AD) foi reconhecida a propriedade da igreja, mas não legalizada a prática religiosa. Seguiu-se-lhe Aureliano (270-275 AD), que ficou conhecido na História pela sua severidade no trato com os seguidores de Jesus Cristo. Mas esta severidade atingiu o seu clímax com o imperador Dioclesiano (284-305 AD), o qual associaria no trono, o seu genro Galério (293-311 AD) que, segundo alguns historiadores, obrigou o seu decrépito sogro a abdicar em seu favor. De qualquer modo, ele tornou-se o seu sucessor, na metade imperial do oriente. Dioclesiano, e depois o seu co-imperador Galério, tornaram-se os mais acérrimos inimigos dos cristãos. Vejamos quem foram os autores do último e melhor planeado ataque anti-cristão: Dioclesiano foi um grande autocrata, reformador e estadista nato. Para restaurar a ordem do decadente império,

tentou assegurar a estabilidade do poder e o respeito da pessoa do imperador, ao convertê-lo num estado totalitário. Pela primeira vez, surgiram as jóias nas vestes e sapatos de um imperador romano. Isto levaria a exigência de veneração à sua própria pessoa, agora considerada sagrada, uma vez que ele acreditava nos seus próprios atributos divinos. Ora isto, levou-o a entrar em conflito com os adoradores do verdadeiro Deus. Assim, depois de consultar o oráculo de Apolo, em Dídima, publicou na data própria (Março de 303 AD) um decreto ordenando a destruição sistemática de todos os edifícios e pertencentes cristãos. Desde o seu palácio de Nicomédia, ele assistiu ao incêndio destruidor da principal igreja cidadina. Numa série de outros éditos imperiais, os cristãos foram expulsos dos seus empregos estatais e da sua classe social. Perderam o direito à protecção estatal e a apelar contra um ofensor. E viviam na iminência da tortura e condenação à morte que pairava sobre eles. Nisto, Dioclesiano já bastante envelhecido, foi bem secundado pelo seu associado Galério. No 19.º ano do reinado de Dioclesiano, e 10.º de Galério, ao intentarem privar os cristãos dos seus edifícios e dos seus escritos sagrados, visando assim destruir a sua organização, desencadeou paralelamente uma perseguição tal, que por todo o império se prendeu, torturou e matou milhares e milhares de cristãos. Apenas escaparam do rigor desta crueldade repressora as províncias da Gália e da Bretanha, onde foi mais suave, dada a moderação do seu governador: Constâncio Cloro (293-306 AD). Este era um subordinado imperial, com o título de César, quase um co-imperador de Dioclesiano. Era também, um candidato à sucessão do imperador, que acabou por abdicar a 1 de Maio de 303 AD, no auge da cruzada anti-cristã. Galério, tê-lo-ia pressionado, e realmente ele e Constâncio Cloro vieram a ser proclamados seus sucessores. Este último pôs fim à repressão contra a igreja, no seu diarcado ocidental. No entanto, Galério persistiu nos seus intuitos destruidores da cristandade, na sua metade oriental. Acabou por morrer em 311 AD, de uma doença desconhecida, muito dolorosa, e que lhe deixou o corpo desfigurado. Muitos interpretaram a sua agonia como uma derrota deste crudelíssimo inimigo da igreja. Mas apesar desta tenaz

onda persucutória, a igreja resistiu. Mas muitos foram martirizados. Esta década ficou conhecida como a «era dos mártires», e tinha sido profetizada por João, no Apocalipse.⁶

Todavia, foi com Licínio e Constantino, sucessores, respectivamente, de Galério, no diarcado oriental, e de Constâncio Cloro e seu pai, na metade ocidental, que uma nova era viria a nascer. Com ela, também um mundo novo surgiria após o Édito de Milão, em 313 AD, o qual concedia liberdade de expressão aos cristãos. Mas vejamos como se deu esta viragem na política imperial romana.

Primeiramente, temos de convir que Constantino, mais tarde conhecido por «o Grande» sofreu a influência benéfica de seu pai Constâncio Cloro. Como já vimos, este, nas suas províncias foi um moderado com os cristãos, isto aquando da década perseguidora de Dioclesiano. É sintomático que logo que este morreu, Constâncio acabou com a perseguição à Igreja. Pode bem ser que entretanto a influência cristã tenha tocado de perto o palácio governamental, e bem assim o jovem e futuro imperador Constantino. Isto se explica também, pela «visão da Cruz», na véspera de uma importante e decisiva empresa militar: a batalha de Monte Milvío.⁷ Após esta espectacular vitória, Constantino, então recém-convertido ao Cristianismo, reuniu-se em Milão com Licínio, (312-324 AD), seu co-diarca oriental, concordando na elaboração do Édito de Milão (313 AD). Este seria publicado na Nicomédia, no Oriente, pois ainda imperava ali, desde 303 AD, o édito perseguidor de Dioclesiano.

Este Édito de Licínio e Constantino concedia paz e tolerância religiosa a todos os habitantes do império, nos seguintes termos: «Quando eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, chegámos sob favoráveis auspícios a Milão (...) resolvemos conceder aos cristãos, e a todos os homens, a liberdade de seguirem a religião que quiserem...»⁸ Mais tarde, Constantino tornar-se-ia o «Grande», ao derrotar o seu co-diarca imperial, em 324 AD. Desse modo, apoderou-se da totalidade do império e acentuou ainda mais o seu pendor cristão, e conseqüente inferência nos assuntos da Igreja. Convocou concílios, a que presidiu e aprovou legislação favorável aos cristãos em geral, e em relação às viúvas, ao casamento, à moral sexual e à hierarquia ecle-

siástica. Um exemplo vivo disto mesmo, foi a famosa Lei Dominical, em 321 AD, que preconizava o descanso no «venerável dia do Sol».

Desta forma, a igreja de perseguida e proscrita, passava a protegida do imperador e degenerava em igreja estatal secularizada. Uma nova era começava então para o cristianismo, agora aparentemente triunfante, mas em breve, em fase decadente.

[A seguir: 2 — A Repressão do Cristianismo: de Constantino a Justiniano, de Carlos Magno à Inquisição.]

Bibliografia:

1. Mat. 23:35
2. N. Zernov, *Cristianismo Oriental*, pág. 28, Madrid.
3. Plínio, o Jovem, *Cartas*: 10, 97, 1.
4. Marco Aurélio, *Meditações*, 11, 3, 2.
5. J. Guenin, *Histoire du Christianisme*, pág. 13, 14, Collonges-sous-salève.
6. Apocalipse 2:10
7. Eusébio e Lactânio, historiadores defensores desta tese.
8. Eusébio, *História Eclesiástica*, X, V, 4.

DANIEL SIMÕES DA SILVA

Lic. em História e Pastor do Distrito de Aveiro

JANELAS SOBRE O MUNDO

QUE SE PASSA COM A OBSERVÂNCIA DA PÁSCOA?

Pergunta: Estou preocupada com o crescente costume da observância da Páscoa nas igrejas ASD. Acho que a Páscoa é um feriado pagão e que é errado referir-se ao «Sábado de Páscoa» e decorar a igreja com flores, sinos, etc. No sítio em que vivo é hábito colorirem-se ovos e escondê-los para as crianças os irem procurar. Eu já o tenho feito para os meus filhos, mas sem lhes atribuir qualquer significado religiosos. Que lhe parece?

Resposta: Em primeiro lugar, não posso deixar de achar uma certa graça ao seu raciocínio. Guardou o aspecto verdadeiramente pagão da Páscoa — que são os símbolos da fertilidade, como os ovos, os ninhos, os coelhos, etc. — e parece estar rejeitando o belo significado religiosos desta época.

É verdade que a nossa Igreja tem doutrinas e ensinamentos específicos, que nos diferenciam. Desejamos certamente defender estes ensinamentos e simultaneamente dar a saber a todas as pessoas que acreditamos firme e alegremente na ressurreição literal do nosso Senhor, e nela se baseia a nossa esperança e expectativa de vida eterna.

Astuciosamente, o inimigo mistura verdade e erro. Temos de saber distinguir entre ambos

e não rejeitar o que é bom e verdadeiro — neste caso, a verdade da gloriosa ressurreição de Jesus — rejeitando, embora, as marcas não-cristãs que porventura possam estar associadas a essa data.

De facto, tenho de confessar que gosto da Páscoa. Não só porque ela me recorda a ressurreição do Senhor — e a minha própria ressurreição, um dia — mas porque, mesmo associada ao despertar da Primavera (ressurreição da Natureza), ela aponta para o poder eterno de Deus. Gosto das flores e da música, dos sons que falam da Ressurreição e da Esperança. E acho que não tenho o mais leve sentimento pagão ao contemplar a vida eterna tipificada em Cristo. Penso nessa grande e incomparável reunião que haverá um dia com aqueles que amei e perdi pela morte.

Espero que não permita que os festejos pascais, tais como o mundo os apresenta, lhe suscitem ressentimentos e perturbem a alegria da Páscoa, tal como nós a entendemos: a celebração da ressurreição de Jesus. A vida é um processo de constante escolha: temos de ser capazes de rejeitar o que é negativo e guardar o que é positivo, se queremos ser felizes no Senhor.

Miriam Wood

Abertura na U.R.S.S.

Pouco depois do acidente nuclear de Chernobyl, uma delegação da Conferência Geral visitou a U.R.S.S.

A delegação, composta pelo presidente da Conferência Geral, Neal C. Wilson, por Winston Clark, seu assistente administrativo, e por Bert B. Beach, director de relações públicas e liberdade religiosa, ganhou o favor das autoridades soviéticas por não ter cancelado a sua viagem à U.R.S.S., a despeito dos possíveis perigos de Chernobyl, ocorrido duas semanas antes do início da mesma. Esse favor traduziu-se em enormes dividendos para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

«Pela primeira vez na história da Igreja, conseguimos falar com dirigentes soviéticos ao mais alto nível, dizer-lhes quem são os Adventistas e qual a extensão da actividade mundial da Igreja», disse o Pr. Wilson em recente entrevista.

Durante a viagem, que durou 19 dias, a delegação teve oportunidade de contactar com Konstantin Charchev, presidente do Concílio Russo para os Assuntos Religiosos, e nessas entrevistas o Pr. Wilson requereu aprovação para o reconhecimento oficial da organização e estrutura da Igreja Adventista do Sétimo Dia pelo governo soviético, uma nova sede em Moscovo, a publicação de mais literatura adventista e um programa de treino para pastores russos (Seminário).

Comentando esses pedidos, o Pr. Wilson explicou, na referida entrevista: «Em termos gerais, a Igreja é reconhecida pela República Federal da Rússia e na Ucrânia, e em cerca de metade das Repúblicas da Rússia. Mas não somos reconhecidos nacionalmente. Nenhum conselho adventista está autorizado a tratar com toda a União Soviética. Por outro lado, devo manifestar o meu apreço pelo grau de liberdade religiosa de que desfrutamos e pela atitude das autoridades, que se mostram simpáticas e desejosas de ajudar.» O Ir. Wilson argumentou também que, uma vez que a

constituição prevê tratamento igual e nenhuma discriminação entre as organizações religiosas das igrejas, a Igreja Adventista precisa de uma sede nacional em Moscovo, à semelhança dos Baptistas e da Igreja Ortodoxa Russa. A Igreja Adventista opera a partir de um pequeno escritório em Tula, a cerca de 220 Km de Moscovo. A sede baptista é partilhada por quatro organizações diferentes. Os grupos cristãos dizem possuir cerca de 500 000 membros e terem construído, ou reconstruído, 250 igrejas nos últimos cinco anos.

Acerca de nova literatura, disse o seguinte: «A literatura a ser impressa beneficiaria os nossos membros e também aqueles que indagam acerca do Adventismo»; e foi isso que transmitiu também às autoridades soviéticas. «Gostaríamos de ter também um meio de comunicação entre os crentes da URSS. Uma revista do género da *Advent Review* (a *Revista Adventista* em Inglês) ser-nos-ia muito útil.» Charchev sugeriu uma revista tipo magazine, em Russo e em Inglês, e também um filme, a fim de que as pessoas fora da Rússia pudessem tomar conhecimento da vida da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Rússia.

O ministro dos Assuntos religiosos prometeu à delegação dar autorização para uma escola

por correspondência para pregadores da Igreja. Contudo, o presidente da Conferência Geral insistiu na criação de um seminário para treino pastoral. Até agora, os obreiros adventistas russos não têm, geralmente, qualquer programa de treino evangelístico. O ministro disse à delegação que o governo está a trabalhar no sentido de resolver os problemas de um centro de educação para pastores. «Vai ser construído um edifício para esse fim, disse ele. Apreciamos muito a vossa visita. Vocês foram uns bons embaixadores.»

O facto de muitos visitantes terem cancelado as suas visitas devido à catástrofe de Chernobyl, e os adventistas o não terem feito, tornou o grupo ainda mais especial para os russos. A delegação foi honrada com uma visita aos belos escritórios de Soviete Supremo, no Kremlin, e foi-lhe proporcionado um encontro com August Voss, presidente das nacionalidades soviéticas (o equivalente russo para um parlamento superior). Durante a entrevista, o Ir. Wilson salientou de novo a natureza espiritual da Igreja e o carácter religioso da sua missão.

A convite do patriarca de Moscovo, da Igreja Ortodoxa, o Dr. Beach deixou a delegação em Rostov-on-Don e foi participar numa conferência de mesa

redonda com distintos teólogos e cientistas, que se tinha reunido para estudar problemas relacionados com a fome, a pobreza e a ignorância, a corrida aos armamentos, o militarismo e a necessidade de uma nova moral. Este inesperado convite surgiu na sequência de toda a delegação americana, que devia participar nessa conferência, ter cancelado a sua viagem.

O Ir. Beach, nas suas intervenções, apelou aos delegados para fortalecerem o respeito pelos direitos humanos e pela liberdade religiosa, e para encaminharem os seus recursos económicos para projectos humanitários.

A delegação adventista visitou igrejas em 4 das 15 repúblicas da Rússia. Comemorava-se então o centenário do estabelecimento da primeira igreja adventista na Rússia. Em todas as igrejas, os nossos irmãos foram alvo de inúmeras manifestações de apreço e a rádio e a imprensa deram considerável cobertura à sua visita.

De Moscovo, a delegação deslocou-se primeiro a Alma-Ata, capital da República de Casaquistão, acompanhada pelo pastor M. Kulakov, responsável da Igreja Adventista na República Russa, pelo pastor N. Zhukalik, co-dirigente do trabalho adventista na República Ucrainiana, e dois tradutores, Michael Kulakov e Galina Gritsuk.

Alma-Ata é uma cidade de mais de um milhão de habitantes e fica a pequena distância da fronteira com a China. A Igreja Adventista da cidade foi construída em 1983 e dedicada um ano mais tarde. Na reunião que os nossos irmãos ali fizeram, estavam presentes mais de



A delegação da Conferência Geral com o grupo de dirigentes adventistas russos que a acompanhou. Ao centro, o Pr. M. P. Kulakov, responsável da obra adventista na República Russa, e seu filho Michael, um dos tradutores.

500 pessoas, comprimindo-se num lugar que tem uma capacidade máxima de 345 pessoas.

Como a constituição da U.R.S.S. declara que a escola é separada da igreja, não é permitida a Escola Sabatina tal como nós a conhecemos. Os Adventistas fazem então duas reuniões, género culto, com ensino a partir do púlpito, usando a lição da mesma semana do ano anterior. O conhecimento da lição, por parte dos membros, não deixou de impressionar os visitantes.

De Alma-Ata foram para Rostov-on-Don, onde tiveram contactos com as autoridades, sendo recebidos pelo presidente do município e pelo director dos Assuntos Religiosos local. Ao visitarem um dos 293 jardins de infância da cidade, viram crianças de 2 a 6 anos aprendendo música, declamação, regras de trânsito e ateísmo.

A paragem seguinte foi em Kiev, capital da Ucrânia, situada a 125 km do local do desastre de Chernobyl. É na Ucrânia que há uma das maiores concentrações de adventistas. Embora o acidente nuclear tivesse ocorrido havia apenas duas semanas, a delegação não achou que a vida diária desse mostras de estar significativamente afectada. Tiveram, sim, oportunidade de ouvir relatos de actos de verdadeiro heroísmo no local da Central, ao lutarem os trabalhadores por controlar a situação. Os dois dias que os nossos irmãos passaram em Kiev foram ocupados com contactos oficiais e reuniões com membros da igreja. Dali foram de avião para Simferopol, já na Crimeia e apenas a 80 Km da famosa Yalta da Segunda Guerra Mundial.

As 850 pessoas que se comprimiam na igreja cantavam como se fosse um grande coro, acompanhadas por uma impressionante orquestra. Ivan Kosovan, que assistiu à Conferência Geral de Nova Orleães como parte da delegação da U.R.S.S., comoveu os visitantes ao cantar: «Glória seja a Jesus; Para sempre glória seja ao Deus vivo».

Simferopol é importante na história dos Adventistas do Sétimo Dia, porque foi ali, há precisamente 100 anos, que se organizou a primeira igreja Adventista do Sétimo Dia. Nesse longínquo 1886, antes de terminar o culto que organizava essa primeira igreja, a polícia chegou e prendeu dois dirigentes! Alguns dos primitivos líderes da Igreja foram exilados para a Sibéria e isso teve como resultado a men-

sagem adventista penetrar em novas áreas.

Em Simferopol, o Pr. Wilson teve também vários contactos com pastores mais idosos acerca de assuntos da igreja, respondendo compreensivamente às suas perguntas.

A última igreja que visitaram, fora de Moscovo, foi a de Talin, capital da Estónia. Talin é, provavelmente, a mais bem preservada cidade medieval do Norte da Europa. Os nossos irmãos estonianos traduziram 150 livros ASD em Estónio e fizeram cópias à máquina de escrever — 8 cópias de cada vez. Trata-se de um laborioso trabalho, mas que dá resultado. Eles possuem, na sua própria língua, a maior parte dos livros de E.G. White. Quanto às Meditações Matinais e lições da Escola Sabatina, podem fazê-las ao duplicador.

Há ali 14 pastores e 6 assistentes pastorais que se ocupam dos membros e das igrejas. Cada pastor prega três e quatro sermões por semana.

Em Talin, os dirigentes da Conferência Geral encontraram-se também com obreiros adventistas de Letónia e tiveram uma reunião de 4 horas com todos os obreiros. De novo, a música foi algo de notável: banda de cobres, orquestra de arcos, conjunto feminino, duplo quarteto de homens, coro de 60 membros. Cada cinco anos, Talin é cenário de um festival de música, em que participa talvez um terço de toda a população da Estónia. É a sua maneira de expressarem o seu patriotismo e amor pela Estónia.

Para a parte final da viagem, o grupo repressou a Moscovo. No Sábado, a igreja ASD estava à cunha, com pessoas de pé nas coxias e nas galerias. Estavam presentes os presidentes da nossa Igreja na Polónia, Hungria e Roménia. Alexei Avestisyan, virtuoso violinista adventista, e os coros da igreja extasiaram os visitantes. O coro dos jovens cantou em inglês: «Estou contente por fazer parte da família de Deus». Foi inesquecível.

As reuniões de Sábado duraram todo o dia. Todos os dirigentes da Conferência Geral tomaram a palavra e o presidente Wilson deu a tônica às reuniões. As mensagens foram seguidas com a maior atenção.

O Dr. Bert Beach, sumariando a visita, referiu 10 pontos que o impressionaram:

1. A profunda religiosidade da alma russa. O materialismo abriu apenas caminhos limitados. Até a expressão comum

para «obrigado», *spacibo*, significava originalmente «Deus te salve».

2. O lugar central que a música ocupa na vida da igreja.

3. O interesse dos dirigentes e do povo russo pela paz. Praticamente, todas as famílias da U.R.S.S. perderam estes queridos durante a Segunda Guerra.

4. A grande consideração e estima manifestada pela Conferência Geral e seus dirigentes. Isso é devido, em grande medida, a um sentimento inato de lealdade à Igreja, às Escrituras e aos escritos de E. White.

5. O realce dado ao altruísmo e à solidariedade de grupo. A constituição do Partido Comunista na U.R.S.S. declara que é dever de cada membro do Partido trabalhar para o estabelecimento de uma sociedade saudável, sem o uso do álcool.

6. O sentimento de identidade para com a Igreja mundial.

Os membros não davam mostras de espírito de isolacionismo eclesialístico.

7. O saudável espírito de equipa, cooperação e unidade existente entre os pastores.

8. A adaptabilidade. O povo e os dirigentes são capazes de se adaptar às mudanças e superá-las.

9. A lealdade às doutrinas fundamentais.

10. A tendência gradual para uma sociedade cada vez mais aberta.

Um membro de igreja russo expressou assim o espírito do Adventismo na U.R.S.S.: «Nós vos amamos, e agora mais do que nunca.»

[Advent Review. Resumo feito por C. Medley, de um relatório de Bert B. Beach e de uma entrevista dada por Neal C. Wilson.]

Porta aberta em S. Tomé: Momento Histórico

No dia 27 de Janeiro, às 22 h, acompanhado pelos Irs. Freitas e Cubenda da União de Angola, o Ir. Ludescher e eu desembarcámos em S. Tomé, pequena e bela ilha vulcânica de 929 km², no golfo da Guiné, ao largo do Gabão. Antiga colónia portuguesa, S. Tomé desfruta hoje de completa independência. Os seus principais recursos são o cacau, o café e a cana de açúcar. As chuvas, sempre abundantes, favorecem uma vegetação luxuriante, mas o clima, muito quente e húmido, exige constante luta contra a malária.

Esperava-nos uma delicada missão. Havia quinze anos que este campo não recebia uma visita da Divisão. Os últimos visitantes, o Ir. Cordas em 1977 e o Ir. Cubenda em 1983, tinham ficado presos vários dias... O nosso templo estava fechado e as chaves encontravam-se nas mãos do governo. Era do nosso conhecimento que a igreja estava dividida: uma parte dos

membros tinha-se organizado à margem das estruturas oficiais. Mas tínhamos bem poucos dados exactos. Tornava-se absolutamente necessário clarificar a situação. O Ir. Ludescher fez um contacto prévio com as autoridades e o visto foi-nos concedido.

Na noite em que chegámos, havia à nossa espera toda uma delegação de membros, acompanhados pela imprensa, que nos receberam oficial e calorosamente. Logo na manhã seguinte, no decurso de uma entrevista com o Sr. Ministro dos Assuntos Sociais, soubemos, com tristeza e confusão, que uma verdadeira inimizade se instalara entre os dois grupos opostos da Igreja Adventista de S. Tomé. De um lado, encontrava-se a nossa missão, dirigida pelo pastor Cosme da Mota, e do outro lado, uma «união» criada pelos opositores, dirigida por um homem que os anciãos da igreja tinham consagrado

«pastor», em virtude de uma falsa concepção do sacerdócio universal. Toda a ilha se encontrava ao corrente desses conflitos.

— Estou cansado destas desordens, dir-nos-ia o Ministro.

Depois de lhe termos prometido fazer todo o possível para resolver os problemas, dirigimo-nos à nossa igreja, especialmente aberta para essa circunstância. A primeira entrevista, dirigida pelo Ir. Ludescher, durou cinco horas e meia consecutivas, mas decorreu sob a inspiração da Palavra de Deus e da oração. Sentíamos grande necessidade do socorro de Deus. Como resultado final, os dois grupos aceitaram uma nova organização. A união e a missão foram dissolvidas e substituídas por uma Associação dependente da União Angolana. O pastor Cosme da Mota é o seu presidente e Manuel Sacramento A. Neves é o secretário-tesoureiro.

Nessa mesma noite, foi-nos pedido para fazer uma conferência pública. Na igreja, mais do que cheia, acotovelavam-se ouvintes adventistas e não-adventistas. No meu espírito, um assunto se me impunha, e sobre ele falei: a reconciliação do homem com Deus e dos homens entre si. O coro da missão tinha preparado um belo programa, que abrilhantou a reunião.

Na manhã seguinte, nova audiência com o Ministro. Tinha sido preparado um texto preciso, assinado por todos os participantes, mencionando a dissolução das duas antigas organizações e a criação da nova associação. A atmosfera era das mais solenes. O Ministro socialista ouvia religiosamente. Após a leitura do documento, ele exprimiu assim o seu entusiasmo:

— O Sr. Presidente da República está ao corrente do assunto e alegrar-se-á quando tomar conhecimento deste feliz resultado. Nós não vamos permitir que se falte às decisões tomadas. Queremos que a organização mundial da vossa Igreja seja respeitada. Precisamos da vossa Igreja para o desenvolvimento social do nosso povo. Venham visitar-nos mais frequentemente!

E juntando o gesto à palavra, este homem extraordinário fez os nossos irmãos prometerem ficar fiéis aos compromissos assumidos, e a seguir deu-nos um efusivo abraço. Havia lágrimas nos olhos, sorrisos sinceros iluminavam os rostos. Acabávamos de viver um momento histórico!

Naquela noite, sempre com a sala repleta, o Ir. Ludescher explicou, a um público atento e

satisfeito, a nova orientação que a igreja de S. Tomé iria seguir: não mais existiriam dois grupos, mas uma única igreja adventista, unida e forte, organizada segundo as normas da Conferência Geral. Manifestamente, os nossos irmãos estavam felizes: a cisão fora obra de uma pequena minoria, agora arrependida e convertida. Um simples indício nos parecia convincente e merecia especial atenção: aquando da primeira conferência pública, só um coro tinha actuado, o da antiga missão; na segunda noite, o coro da antiga união fez-se também ouvir. Um coro estava à direita e o outro à esquerda! Mas no Sábado de manhã, já só havia uma formação coral. Os dois coros tinham-se fundido num só. Sabemos que a partir de agora também eles serão um só corpo e uma só alma.

Quando deixámos a ilha de S. Tomé, Sábado à noite, o novo coro cantou para nós no aeroporto e os nossos corações encheram-se de emoção: «Obrigado, Senhor, por este milagre do Teu amor!» Temos cerca de 350 membros nesta ilha. Em breve as informações serão mais exactas. E os baptistérios abrir-se-ão para receber as novas almas que esperam.

De S. Tomé, voltámos a Angola, onde tivemos duas Assembleias administrativas: uma no Lubango, ao Sul, e outra no Huambo, ao centro. Aqui, a nossa Igreja está em pleno desenvolvimento, a despeito das indescritíveis dificuldades da guerra. No sector do Caluquembe, 61 igrejas estão fechadas. Um dos nossos pastores foi recentemente ameaçado de morte por trabalhar no seu próprio quintal num domingo de manhã! Oficialmente, a nossa Igreja é reconhecida pelo Estado. Mas cada província goza de uma certa autonomia, o que faz com que as directrizes gerais nem sempre sejam seguidas. Falámos a este respeito com o director dos Assuntos Religiosos, que nos prometeu intervir.

A nossa obra é bastante próspera na região do Huambo. Num raio de apenas 10 Km., temos 17 importantes igrejas. Em contrapartida, as instituições do Bongo sofrem terrivelmente por se encontrarem na linha de partilha de exércitos inimigos. Os administradores do seminário e do hospital acabavam de ser presos quando ali chegámos. O Ir. Rodrigues, director do seminário, recebeu também ameaças de morte enquanto ali nos encontrávamos. Felizmente, os

alunos da escola secundária estavam em férias. Mas, em tais condições, não se pode pensar em reabrir as aulas. Com o coração apertado, os membros do conselho da União, à luz de uma lâmpada de gás, tiveram de admitir ter de encerrar temporariamente a escola secundária. Os estudantes de teologia irão para o Huambo, onde se procurará organizar para eles aulas nos edifícios da união. Quanto ao hospital, ele é a nossa única possibilidade de salvar a bela propriedade do Bongo. Com calma e serena resolução, o Dr. Otello Vergères, sua mulher Marie-Rose e sua pequena Christelle decidiram ficar no seu posto. Moram no Huambo, numa casa sem electricidade nem água corrente, e várias vezes por semana deslocam-se até ao Bongo, que fica a cerca de 70 Km., para cuidarem dos doentes. Inclina-mo-nos com respeito e afeição diante da sua comovedor dedicação. Enfermeiros angolanos, mais tranquilizados, poderão ficar nas instalações do hospital. Vivemos de esperança, sem saber realmente o que nos reserva o futuro.

A esperança cristã tem um certo sabor nestas condições! O interesse que existe é imenso. Se pudéssemos recensear todos os nossos membros, o seu total estaria provavelmente muito perto dos 100 000.

Dois novas etapas nos esperavam ainda em Maputo e Quelimane, no outro lado da África, em Moçambique, já à beira do Oceano Índico. País em guerra, Moçambique é vítima da fome que ali se faz sentir terrivelmente. A partir do Maputo, a capital, o Ir. Jacky Chevrier e esposa estão encarregados de organizar a obra de auxílio e assistência da ADRA (Associação Adventista para Auxílio e Desenvolvimento). Encontram-se

ali desde o dia 1 de Dezembro de 1986 e uma tarefa gigantesca os espera, à qual se entregaram já com a coragem da fé, sem a qual tudo isto seria pura e simplesmente um desafio humano.

Em Quelimane, tivemos uma convenção pastoral, a qual reuniu cerca de 40 obreiros, pastores, evangelistas e alguns leigos, vindos um pouco de toda a parte. Durante o dia, eram-lhes ministradas aulas, e à noite, o Ir. Ludescher e eu fazíamos reuniões públicas nos dois lugares de culto que ali possuímos. No Sábado à tarde, três novos pastores foram consagrados ao ministério. Um deles acabava de perder todos os seus haveres e só ficara com a roupa que trazia no corpo. A sua única riqueza: 17 igrejas com 960 membros... E para cumprir a sua missão, ele pedia ajuda! A um outro dos nossos pastores, fora-lhe cortado o pavilhão da orelha direita.

Em tais circunstâncias, como não desejar, de todo o coração, que a paz volte a esta região! Mas para isso seria preciso uma mudança de coração e esse é um milagre do qual só Deus possui o segredo.

Prezados irmãos e irmãs: A hora das missões ainda não terminou. A porta da graça ainda está aberta de par a par. O Espírito de Deus ainda Se faz sentir. Unamos os nossos corações e as nossas forças para O não decepcionar!

P.S. A minha viagem de quatro semanas terminava aqui. A do Pr. Ludescher continuou ainda por mais uma semana, a fim de visitar o nosso Seminário da Beira.

Georges Stéveny, Secretário da Divisão Euro-Africana

«FAMÍLIAS DA BÍBLIA»

— Guia de estudo para os Lares —

Este material encontra-se à disposição dos pais. Sendo neste momento já em número reduzido, os primeiros a pedirem serão contemplados.

Departamento da Educação
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 LISBOA Codex

Inauguração da Nova Igreja de Alpendurada

O dia 14 de Março foi um dia de festa para a Igreja Adventista no Norte. Mais um templo foi inaugurado. A inauguração desta igreja culmina uma série contínua de esforços e de esperanças que se foram conjugando ao longo do tempo. Partindo do nada em termos de pessoas e de instalações, esta congregação conseguiu, pela graça de Deus, em pouco mais de dez anos, construir as estruturas que lhe permitiram o arranque definitivo que representa a edificação de um templo, a formação como igreja independente e toda uma vasta acção que se lhe seguirá nos próximos anos.

Presentes na inauguração, da parte da União, os pastores J. Morgado e J. Gomes, presidente e secretário-tesoureiro da mesma. Muitos membros da igreja de Oliveira do Douro — igreja-mãe — os novos membros de Alpendurada e, um grande número (calculado em cerca de 50 pessoas) de visitas residentes em Alpendurada e arredores. Na tribuna, dirigiu os serviços o pastor Joaquim Morgado, acompanhado do pastor Juvenal Gomes e do signatário. Cantámos o hino «Ao Deus de Abrão honrai» — primeiro cântico a ser elevado no novo templo. O pastor Gomes fez a oração. Tive, então, ocasião de saudar todos os presentes, seguindo-se o pastor Morgado na

mesma missão, mas em nome da União Portuguesa. O grupo coral da igreja de O. Douro cantou. Apresentei a seguir um breve relato sobre a história da igreja, que começa numa jovem que aceita a mensagem, passando pelo baptismo do Ir. Euclides Alves, da conversão dos seus sogros, esposa, cunhado, até surgir a ideia de abrir uma pequena sala, onde o pastor A. Maurício deu os primeiros passos para atrair novas almas ao Evangelho. A igreja de Oliveira do Douro toma, desde o primeiro momento ao seu cuidado o desenvolvimento deste grupo. Em 1979, o pastor Laranjeira prosseguiu nesta tarefa. Em 1982, contrangidos pela extrema modéstia da sala onde tínhamos as reuniões, resolvemos fazer todos os esforços para se comprar um terreno e, depois, construir uma igreja. Novas almas se agregam ao rebanho. Surgem novos impulsos. Novas esperanças. E com elas, novas dificuldades. O projecto de construção encontra enormes dificuldades para ser aprovado na Câmara Municipal de Marco de Canaveses. Depois de várias tentativas para tornar essas dificuldades, é um quase milagre de última instância que nos consegue ofertar, de um dia para o outro, a autorização para se construir a igreja. Em 26 de Fevereiro de 1985, dá-se início à construção. O dinhei-



Aspecto da igreja de Alpendurada

ro é muito pouco. O número de irmãos pequeníssimo. Em Oliveira do Douro — igreja-mãe — tinha-se acabado de sair duma situação muito difícil em termos de dinheiro. O nosso templo tinha sido ampliado e os membros contribuíram com mais de 2.500 contos para essas ampliações. Dificilmente a conjuntura poderia ser pior. Mas havia que avançar em Alpendurada. Poucas vezes se poderá ter dito com tanta propriedade: «Avançámos pela fé». Alguns diziam: «Avance-mos com o dinheiro que há. Quando não houver dinheiro paramos. Recomeçaremos logo que haja. E faremos assim tantas vezes quantas forem precisas. Faremos assim até que o templo seja construído. Até que ele seja uma realidade.»

O receio de esquecer alguém ou alguma instituição entre tantos que contribuíram para a construção desta linda igreja levamos a não mencionar ninguém, na certeza que Deus conhece a todos e que a todos recompensará.

O pastor Morgado pregou o primeiro sermão na igreja. O seu tema apontou para a glória do Templo de Jerusalém, não tanto pela magnificência da construção, mas pelo facto de Deus Se encontrar aí com o Seu povo. E, acrescentou, designadamente, o mesmo pode e deve acontecer nesta nova Igreja de Alpendurada.

Um quarteto masculino veio cantar perante a numerosa assistência.

O pastor Gomes dirigiu o acto da formação da nova igreja, onde os membros vieram à frente e assinaram no livro de registos da igreja.

Seguiu-se a consagração como ancião do Ir. Euclides Alves.

Ele era já, por assim dizer, o ancião natural deste grupo. Agora se tornava o ancião oficial. Ele fora, em grande parte, a pessoa incansável, dedicada, cheia de fé e de esperança que desde o primeiro momento trabalhou e acreditou que era possível levantar ali em Alpendurada um Templo Adventista para o culto ao Criador.

O grupo coral de Oliveira do Douro voltou a fazer-se ouvir com pleno agrado.

Foi feito um apelo para o baptismo. O baptistério ali estava sem que ainda, uma só pessoa que fosse, tivesse sido baptizada. Seis pessoas responderam a esse apelo, e pensamos que não virá longe o dia em que serão baptizadas.

Fizemos uma colecta para ajudar nas despesas finais que a igreja ainda terá de fazer. Rendeu Esc. 16.120\$00.

O Ir. Euclides anunciou o hino de despedida. Um velho hino adventista. Um longo hino: «Fala à minha alma ó Cristo». Todos o cantámos alegremente. Também o mesmo irmão finalizou com a oração.

Estava terminada uma tarde inesquecível para a igreja adventista nortenha. Sábado, 21 de Março, continuam as festividades espirituais naquele lugar: Vi-



Na tribuna, o pastor Morgado no uso da palavra

sita da igreja do Porto. Sábado, dia 28 de Março: Visita da igreja de Espinho. Sábado, 4 de Abril: Visita da igreja de Avintes. E nos sábados seguintes outras igrejas virão emprestar o seu calor, o seu entusiasmo e fraternidade

àquele punhado de crentes que acreditaram que era possível sonhar bem alto: Sonhar que um dia teríamos em Alpendurada uma linda igreja. Esse sonho tornou-se uma realidade. — *J. M. Matos*, Pastor.

lias, dando-lhe conhecimentos para usar diariamente.»
Que Deus nos ajude e toque

o coração destas almas são os meus sinceros votos. — *Álvaro Bastos*, Colportor.

Cidade de Amarante — 1.ª Exposição das Revistas Saúde e Lar e Nosso Amiguinho

Rosa Mota deixou uma mensagem aos Amarantinos sobre os nossos trabalhos

De 18 a 30 de Dezembro do ano findo, na Câmara Municipal de Amarante (Auditório da Cozinha dos Frades), as Nossas revistas Saúde e Lar e Nosso Amiguinho, bem como os nossos trabalhos ligados ao desenvolvimento físico, mental e espiritual, estiveram, uma vez mais em evidência durante a quadra de Natal e final do ano.

Os jornais da Cidade — Flor do Tâmega e Jornal de Amarante — durante mais de um mês lançaram um apelo aos seus leitores para analisar os nossos trabalhos.

Também a rádio local — Emissora Regional de Amarante — nos concedeu duas entrevis-

tas, as quais se realizaram, a primeira em 17 de Novembro, Dia Mundial do Não Fumador, pelo que ali se alertou contra o tabaco, apontando aos muitos ouvintes que sintonizaram o programa as Causas, consequências e solução.

No final do ano de 86, a segunda entrevista foi para esclarecer a nossa actividade em Portugal em prol de uma Vida Física e Mentalmente Sá.

No passado dia 11 de Janeiro aproveitei a presença de Rosa Mota em terras da «Princesa do Tâmega» solicitando-lhe uma mensagem sobre os nossos trabalhos para os jornais desta cidade, ao que ela prontamente respondeu:

«Penso que o vosso trabalho é maravilhoso, pois contribui para o auxílio de todas as famí-

Aguardando a Ressurreição

Manuel Duarte

Era ainda muito jovem quando, em 1929 entrou pela primeira vez na Igreja Central de Lisboa. Era, então, pastor desta Igreja o Pastor A. Dias Gomes. Mas aquele primeiro contacto marcou-o profundamente. Sempre que podia voltava. Primeiro sozinho, depois de casado e já com a filha adolescente, trazia esta também. Mais tarde veio a esposa, e uma e outra foram baptizadas. Mas ele não.

Parecia que alguém o impedia de se entregar completamente ao Salvador que ele amava, de pertencer à Igreja que ele sabia ser a verdadeira. Muitos apelos lhe foram feitos e muitas orações subiram ao céu a seu favor, principalmente depois da morte da esposa, nossa Irmã Maria do Carmo. Seus netos nunca se esqueciam de pedir a Deus «para que o vovô se baptizasse», mesmo na sua presença. Parecia que tudo tinha sido em vão, mas não foi, porque «assim será a Palavra que sair da Minha boca:

ela não voltará para mim vazia...» (Isaías 55:11), diz o Senhor. Realmente ela produziu fruto. Manuel Duarte entregou o seu coração a Jesus e morreu em paz.

Quando foi operado a primeira vez, depois de profunda meditação e reconciliação, ele dizia à família: «Quando me levantar, a primeira visita é à igreja e quando estiver melhor quero baptizar-me». Teve de ser operado novamente e o prognóstico foi que poucos dias mais teria de vida e teve de ser recebido por voto na igreja. Mas enfrentou a morte com coragem e confiança e à filha e genro, nossa irmã Maria Vitalina e Dr. Samuel Ribeiro e netos, reunidos em volta do seu leito, dizia: «Não estejam tristes meus queridos; os meus pés estão voltados para a eternidade e no grande dia da ressurreição lá estaremos todos para vivermos para sempre com Jesus».

Que assim seja. «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor». — *Irene Ribeiro*

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

Berlim: Hospital Waldfriede

O director deste hospital adventista é o Dr. Ronald Noltze, bem conhecido dos portugueses, por ter vindo a Portugal como convidado das jornadas médicas adventistas nacionais.

O hospital Waldfriede foi alvo de apreço e homenagem por parte das autoridades alemãs, que lhe concederam 47 milhões de Marcos (cerca de Esc. 3 572 000 000\$00) para restauração e novas construções. A verba foi entregue em duas ve-

zes. Por ocasião de uma recepção, o Senador responsável pela saúde pública, senhor Hasinger, declarou: «Hospitais como este recebem ainda o apoio do Senado de Berlim».

Tal declaração torna-se ainda mais importante quando se considera que a cidade de Berlim tem 2 000 camas de hospital a mais e que as autoridades locais desejam suprimi-las.

O hospital Waldfriede tem 205 camas e 269 empregados. A

sua ocupação é sempre a mais de 90% e os serviços de ginecologia e obstetria têm uma ocupação permanente de 101%. No ano passado, nasceram ali cerca

de 900 bebés, e nas melhores condições de parto e assistência. Resultados como estes explicam o interesse do Senado de Berlim».

Pastor Adventista convidado a dar curso na Universidade

Richard Elofer, pastor da igreja adventista de Bourges, França, foi convidado pela Universidade de Bougers para dar um curso

sobre história da Bíblia. O pastor Elofer fará equipa com um professor católico de teologia e com um pastor evangélico.

Clínica Adventista de «La Lignière»

Recentes nomeações na clínica adventista de «La Lignière» estabeleceram assim o seu quadro directivo:

Director Clínico: Dra. Maria Teresa Cotta David.

Director do Departamento de Reabilitação Cardiovascular: Dr. C. P. Jaggi.

Director do Departamento de Medicina Geral Interna: Dr. P. Lackner.

Como nota que nos apraz registar, mencionamos que a Directora da nossa clínica suíça é

portuguesa, oriunda da igreja central de Lisboa, onde cresceu no seio de uma família adventista. Aqui se formou e trabalhou durante algum tempo, após o que foi chamada a trabalhar em «La Lignière», onde se tem distinguido pela sua competência e dedicação, razão porque agora foi guindada a tão elevada responsabilidade.

Felicitando-a por esta nomeação, exprimimos os nossos votos de um abençoado ministério médico.

Roma: A República Italiana reconhece oficialmente a Igreja Adventista

No dia 29 de Dezembro do ano findo, em Roma, o Sr. Bettino Craxi, chefe do governo italiano, e o Sr. Enrico Long, presidente das igrejas adventistas de Itália, assinaram um Protocolo entre o Estado italiano e a Igreja Adventista.

Este acontecimento histórico significa para os adventistas o seu reconhecimento oficial pelo Estado e a igualdade com as outras igrejas e associações. Se-

gundo G. Rossi, a Itália é o primeiro país no mundo cujas relações com a nossa Igreja são reguladas na base de um Protocolo.

A República Italiana compromete-se assim à não-ingerência nos assuntos da Igreja Adventista e reconhece-lhe uma série de direitos e liberdades de importância fundamental para viver e proclamar a sua fé.

França: 150 000 refeições para o «Restaurante do Coração»

A Igreja Adventista do Sétimo Dia está sempre disposta a participar em actividades humanitárias. E todos os anos participa no «Restaurante do Coração», uma iniciativa bem humanitária, pondo as suas instalações ao serviço deste programa e contribuindo, também, com refeições.

Trata-se de uma acção conjunta para auxiliar os mais pobres, acção que é levada a cabo sem publicidade, mais que visa minorar as condições alimentares de tantos e tantos em necessidade. Não tem quaisquer

implicações políticas ou étnicas. O único objectivo é, de facto, ajudar os que se encontram em piores condições.

Em 1985, as igrejas da região de Languedoc-Roussillon distribuíram mais de 42 000 refeições. Em 1986, o número total de refeições distribuídas elevou-se a 150 000.

Em Paris, uma das 13 equipas da região distribuiu 2 000 refeições num único fim de semana. Os meios de comunicações sociais têm, por diversas vezes, felicitado a Igreja por esta sua contribuição.

Os Polacos Adventistas vivem mais tempo

Pesquisas médicas sobre longevidade, tornadas públicas pelo *Journal of the American Medical Association*, revelaram que os índices de longevidade são «marcadamente mais elevados entre os adventistas do que na população geral da Polónia».

Referindo pesquisas feitas durante dez anos pelo Departamento de Epidemiologia do Instituto de Medicina Social da Cracóvia, a citada revista indicou as expectativas de vida para os 236 membros da comunidade adventista de Cracóvia — 86 homens e 150 mulheres. Dado que durante esse período tinham morrido 11 homens e 24 mulheres, a expectativa de vida fora calculada em 71,9 anos para os homens e 75,1 para as mulheres.

Enquanto que as expectativas de vida para pessoas de mais de

40 anos são, na Polónia, mais elevadas nas mulheres do que nos homens, no caso dos adventistas não se regista uma diferença significativa entre os dois sexos. Aliás, foi esta elevada expectativa de vida entre os homens adventistas que tornou tão elevada a percentagem geral adventista em termos de longevidade.

A revista americana mostra claramente que essa taxa de sobrevivência é devida «aos hábitos de vida estritamente respeitados por esta comunidade religiosa, tais como a abstenção de fumo e de álcool». Refere também que, no que respeita aos homens adventistas, essa longevidade se deve à sua especial «abstenção de todos os hábitos prejudiciais que geralmente são mais comuns no sexo masculino».

Madrid: «El País» publica artigo sobre Presidente dos Adventistas Espanhóis

O mais conhecido diário espanhol, «El País», publicou na última página do seu número de 19 de Fevereiro, uma entrevista com o pastor Carlos Puyol, presidente da Igreja Adventista de Espanha.

O artigo foi ilustrado com uma fotografia do pastor Puyol. No decurso da entrevista, ele fez menção das suas pesquisas históricas sobre a Inquisição, pesquisas essas feitas no qua-

dro do seu futuro doutoramento. A grande liberdade religiosa que hoje reina na Espanha oferece, segundo o pastor Puyol, a vantagem de as diferentes igrejas se poderem encontrar e dialogar em espírito construtivo.

A Igreja Adventista conta em Espanha com um pouco mais de 5 000 membros adultos, mas a comunidade total é calculada em cerca de 15 000 pessoas.

Paris: Auxílio a Imigrantes refugiados

No domingo, 14 de Dezembro de 1986, fundou-se em Paris, por iniciativa de alguns membros da Igreja Adventista, uma nova associação: AIDER, que significa, precisamente, AJUDAR.

O objectivo desta Associação é ajudar as famílias refugiadas a se instalarem e este auxílio é dado sem tomar em consideração pressupostos étnicos, filosóficos ou religiosos.